

Stadium

N.º 104 ★ 29 DE NOVEMBRO DE 1944 ★ PREÇO 1\$50

VER NESTE NÚMERO

Crónica da 1.^a Jornada do Campeonato Nacional de Futebol, por Tavares da Silva

«NO MUNDO DA BOLA»

Crónicas e reportagens gráficas dos principais acontecimentos da semana



ALFREDO VALADAS

o popular internacional e jogador do Benfica, a quem será prestada homenagem depois de amanhã, quando da sua festa de despedida

(LER CRÓNICA NA PÁG. 13)

NO MUNDO DA BOLA

PELO JORNALISTA DESCONHECIDO

VALORES DO FUTEBOL

Um médio sempre em jogo Um extremo que dá nas vistas

Já temos atudido a jogadores que se salientam, pela sua maneira de jogar, viva e alegre, às vezes com um quê de acrobacia e de espalhafato, tão do agrado do público — e a uma outra espécie, a do jogador si-



lencioso, como que envergonhado de que o nolem, que já um crítico definiu como o tipo do jogador operário da bola. Trata-se de um elemento que, no geral, cumpre em todos os desafios, sem altos e baixos, jogando sempre com a mesma boa vontade, e constituindo por isso mesmo uma grande e verdadeira utilidade. Temos em igual apreço todos os jogadores, seja qual for o seu tipo de jogo, sendo, todavia, de recordar que a eficiência deve ser a primeira qualidade a exigir. A



competição, pelo seu conteúdo, não se compadece — nem com delongas, nem com inúteis espalhafatos.

Sob este ponto de vista, é justo destacar uma figura belenense, a do seu esforçado médio-esquerdo, Serafim de seu nome e belo carácter de pessoa.

Suas qualidades fundamentais: activo, empreendedor, tenaz, ape-

Sua Excelência, O Dribling

O dribling, dominar a bola ora com um ora com outro pé, levando-a como que agarrada, ao mesmo tempo que o adversário fica para trás, confundido-se com a finta, e tem muitos cultores e grande número de adeptos, devido ao espectáculo que produz.

O dribling era a grande arma do futebol do passado. Quando o association não tinha a base fundamental e moderna de hoje, tratava-se de uma qualidade essencial.

Com a evolução futebolística, continuando a ser um atributo a ter em conta, perdeu muito do seu valor. Hoje, grandes jogadores não sabem o que é o dribling ou, pelo menos, executam-no imperfeitamente, e sómente em recurso, integrados no conjunto.

Quem duvidará do que dizemos? Se fosse possível pôr a jogar, nestes tempos, um desses ases antigos do dribling, ver-se-ia a razão que nos assiste.

Por aquele processo técnico poderia ser ultrapassado um ou dois homens, mas era certo e sabido que em seguida o jogador de posse da bola se ia desarmado, até porque o método de defesa também evoluiu.

O grande jogador francês que foi Nicolas dá-nos magistralmente as regras do dribling nestes simples dizeres:

- 1.º Driblar unicamente em caso de necessidade.
- 2.º Driblar direito e na direcção das rédes.
- 3.º Não driblar muito tempo.
- 4.º Driblando, servir-se dos dois pés para dominar a bola de muito perto.
- 5.º Driblar só para se desembaraçar de um adversário e po-

gado à luta, pelo gosto da luta. Todos se exaltam, por vezes, no terreno, excedendo-se ou diminuindo-se. Pois Serafim, impassível, continua implacável na tarefa, opondo o dique da sua força e saber à invasão da asa direita do adversário.

Já o novo elemento do Pórtio, extremo-esquerdo, com um nome próprio para ser fixado, Calolino, pratica um futebol vistoso, bem vincado, afirmando também vigorosa personalidade de jogador.

Eis um valor que aparece no limitado número de elementos que estão a surgir. De boa corrida e razoável dribling, forte e duro, destes que não volta a cara seja a quem for, o novo ponta esquerda portuense tem ainda o predicado de bom rematador, o que de todo em todo não é indiferente. Eis, portanto, dois nomes que bem merecem figurar neste cantinho.

der em seguida desembaraçar-se da bola nas melhores condições.

6.º Fora do caso de necessidade absoluta, nunca dominar mais do que um adversário num espaço curto de terreno.

Por estas regras simples, vê-se mesmo que o futebol, na sua concepção moderna, não desdenha o dribling, mas o tem na devida conta, como elemento do jogo reduzido às suas verdadeiras proporções.

Quando hoje se advoga o jogo de inspiração, à base do génio individual do jogador, esquece-se levemente que no futebol tudo está condicionado. Os dribleurs, no sentido dos homens que dominavam todos os adversários, morreram há muito, para dar lugar ao futebol em que a bola é enviada de unidade para unidade, com certeza geométrica, servindo o dribling este processo na sua justa medida.

Com tudo isto — note-se bem — nós não somos inimigos do jogo pessoal, que temos em atenção e que nos parece ser a fórmula vencedora em certa altura.

No entanto, e de modo geral, não há dúvida que o reinado do dribling passou para dar lugar ao jogo de conjunto. O engano da bola com os os dois pés só é de admitir quando conduz ao êxito do association.

A arte do dribling apresenta-se difficilima. Há para aí jogadores modernos que a praticam com êxito nada devendo aos antigos. A sua destreza só não aparece como outrora porque eles estão metidos num processo fechado e racional.

Já não vou à bola...

É vulgar encontrarmos um amigo dizendo-nos, como que penalizado, mas ao mesmo tempo contente: Já não vou à bola! Joga-se cada vez menos. Agora, não há sacrifício pelo clube!

Vale a pena delermos-nos um momento na contemplação do pensamento destes amigos da bola, alguns deles até nomes famosos como antigos praticantes.

E fora de dúvida que nada tem de verdade a altitude daquelas pessoas. Eles não vão à bola, não porque se jogue mal (também no seu tempo havia cada desafio!...), nem porque o jogador tenha perdido a sua fe clubista (afinal de contas, se recordarmos bem, também no seu tempo havia jogadores que, a tróico de interesses, mudavam a camisola).

Não vão — actualmente — por-

LEMBRA-NOS QUE...

O Sporting não está de acordo com o parecer do Conselho Técnico relativo ao protesto apresentado pelo Atlético. Quere dizer, a reclamação segue os seus trâmites legais, seguindo de degrau em degrau: agora, em primeira instância, para o Conselho Fiscal e Jurisdiccional da Associação de Lisboa.

Elizeu, o médio-esquerdo do Sporting, partiu para a África mas não poderá jogar tão cedo o futebol. Dores, o guarda-rédes, também foi desafiado para a abalada...

No Belenenses, a secção de futebol está a levar nova orientação. Ou nos enganamos muito ou vai haver um homem responsável pelo team — e talvez, também, pela orientação do treinador.

Os árbitros estão seguros contra todos os riscos, a quando da sua função, desde que saiem de casa até que entram.

A Comissão Distrital de Lisboa fornece, deste modo, um exemplo magnífico, que deverá ser seguido em todo o país.

O actual Conselho Técnico da Federação é constituído por Salvador do Carmo, Augusto Pedrosa e João de Brito. Quem negará a estes homens, dois há muito arcando com a responsabilidade do cargo, uma espécie de dedicação por estes serviços tão complicados da bola?

A moderna orientação na formação da Segunda Divisão tem adeptos e detractores. Nada mais difficil — poderemos garantir — do que romper com a rotina...

que perderam o interesse pelo jogo, a alicion.

Se eles a litessem, poderiam não ir aos desafios grandes, com os jogadores mercenários, mas iriam, ao menos, aos das categorias inferiores, ou aos encontros daqueles teams das Terceiras Divisões, ou outras parecidas, em que o jogador dá o tudo pelo tudo, não amador como o mais puro — como, em boa verdade, não o eram alguns, muitos do passado. Com essas pessoas deuse apenas um fenómeno: o de deixarem de gostar da bola. Como a gente deixa de gostar de tanta coisa... Tanta...

No próximo número:

«HÁ RESPOSTA PARA TUDO!»

AS corridas de barreiras, das mais bonitas provas num programa de atletismo, mas também das mais difíceis pela sua técnica apuradíssima, foram sempre, entre nós, escassamente concorridas, certamente como consequência das dificuldades e rigor de preparação a que obrigam.

Na época finda a regra não foi desmentida, e em Lisboa, único centro onde se encontram especialistas de classe suficientemente apurada e aos quais apenas se pode juntar o portuense Couto na prova de quatrocentos metros, o número de concorrentes aos Regionais foi, nos 110 metros, de 5, número que se repetiu nos Nacionais com a inclusão de um portuense, e respectivamente de 8 e 4 para a distância superior.

Neste escasso grupo de especialistas encontram-se, em grande maioria, os «veteranos», homens dos quais poucos ou nenhuns progressos há a esperar, ficando, como única nota de registo agradável, uma animadora experiência de Luis Alcide, creditado para estreia em 16,1 s.

Dos restantes seniores retêm-se três nomes: o «recordman» Martins Vieira e António Pereira, ambos no declinar da sua carreira desportiva e que conseguiram postos honrosos, com 16 s.; o campeão Fernando Ferreira, que duas vezes conseguiu 15,8 s., ficando a um décimo do «record» — que já merecia haver conquistado, pelo seu valor e ainda pelas irregulares condições em que ele foi estabelecido, numa tarde de vento favorável tão forte que as barreiras caíam sem ninguém lhes tocar e, para mais, com inúmeros derrubes das famosas barreiras que os dirigentes da Associação quiseram e conseguiram «impingir» como sendo do modelo internacional.

Este é um caso velho, mas que convem re-moçar, agora que findou o reinado do livre arbítrio e aos dirigentes se exige sanção superior abonatória de honestidade e desportivismo. Sempre nos insurgimos em vão contra esta ilegalidade-legalizada sem fiscalização; é provável que tenhamos agora melhor sorte.

ATLETISMO

Análise da época de 1944

pelo dr. SALAZAR CARREIRA

IV — AS CORRIDAS DE BARREIRAS

Em 20 de Julho de 1942, dirigimos aos directores da Federação Portuguesa de Atletismo uma carta relativa ao assunto das barreiras e de cujo destino nunca tivemos informações; vamos reproduzi-la, nos períodos principais, porque esclarece por completo a situação:

«A A. A. L. construiu em 1939, umas barreiras do modelo internacional, que têm servido para todas as provas oficiais e que apresentou como satisfazendo às condições regulamentares, pelo que foram homologados «records» com derrubes e validados resultados com mais de três daqueles derrubes.»

Pelo que tenho observado (as citadas barreiras, caíam, como baralho de cartas, sempre que a brisa sopra um pouco mais forte), manifestei a opinião de que a distribuição de peso não devia ser regulamentar e a resistência que os obstáculos ofereciam ao derrube muito inferior à estabelecida no art.º 70.º do Regulamento Técnico da L. A. A. F.; muitas vezes alvitrei que o Conselho Técnico dessa Federação procedesse ao indispensável exame de conferência antes de homologar «records» que não sabia se eram legais.

Nunca fui ouvido. Informo agora V. de que consegui proceder, na oficina onde estas barreiras estiveram em reparação, à experiência que reputava indispensável, e verifiquei o fundamento das minhas dúvidas: as barreiras caíam com uma pressão de 1,350 k., quando o texto do citado art.º 70.º exige uma resistência mínima de 3,600 k.

Sucede ainda que algumas barreiras medem apenas 1,65 m. de altura».

Eis assim exposto, com velhas palavras, o mais actualizado aspecto técnico das corridas de barreiras em Portugal: corredores são poucos e já no auge — ou além — da sua carreira desportiva; o material é irregular; e os resultados regulamentarmente viciados.

Nas competições reservadas aos elementos novos também foi escassa a concorrência e resumem-se a cinco os possíveis especialistas a apontar.

O sportinguista Barbosa parece-nos, de todos, o melhor, suficientemente rápido e possuidor já de estilo bastante apreciado; o tempo de 12,2 s., com obstáculos altos, é abonatório das suas possibilidades. Estimárimos tê-lo visto este ano em experiência de confronto no regional de seniores, pois é de toda a vantagem começar cedo uma aprendizagem para a qual está apetrechado.

Sebastião Camões (12,9 s.), Queiroz Vieira (12,4 s. com barreiras baixas) e João Seródio Gomes (13 s.), aos quais se deve juntar o campeão da «Moedade» e do Colégio Militar, Santos André (12 s., com barreiras baixas), compõem o ramallete dos esperançosos barreiristas do futuro, se quiserem aceitar o sacrifício de uma preparação cuidada e constante, na pista e no ginásio, que lhes dê o aproveitamento das faculdades com que a natureza os dotou.

Falta-nos comentar o comportamento dos corredores de 400 metros: o campeão Matos Fernandes conseguiu os seus melhores resultados, marcas de classe internacional e que poderá melhorar ainda com actividade especializadora, mesmo disperso em conquista de pontos. Compreendemos como é difícil — já o escrevemos em crónicas precedentes — a orientação desportiva deste magnífico atleta, que é igualmente susceptível de ser o melhor em várias especialidades e até como atleta completo do Decatlo; mas, seja qual for a solução preferida, é indispensável uma solução.

O veterano Martins Vieira, cujo nome permanecerá nos anais do atletismo como dos melhores especialistas de todos os tempos, cometeu a proeza de melhorar o seu «record» pessoal para 59 s. — e ninguém haverá que se não regozije com o facto, pela simpatia que merece o atleta e pelo significado moral do acontecimento, num meio onde os praticantes pecam por se considerar prematuramente envelhecidos e reformados. O corredor portuense Couto, com 59,2 s., bateu o mínimo do Norte e afirmou condição digna de apreço; também se deve reter o nome de outro portuense, Eloi Costa Pereira, que teve auspiciosa estreia.

têm de se tornar positivas. A carência de um campo em condições faz-se sentir cada vez mais.

A determinação imposta ao «basket» — de os jogos nocturnos só poderem ser realizados em campos cobertos — afasta da actividade o campo do Ateneu, já de si em más condições por estar em extremo exposto aos ventos.

Por sua vez, o campo da Boavista também não melhora a situação. A cobertura põe-no ao abrigo das intempéries, mas as acomodações insuficientíssimas que apresenta, com uma banda de lotação reduzida e um peão (?) transformado em simples corredor, pode afastar muito público, como não oferece as condições mínimas que todo o espectador — que paga o seu bilhete — tem direito a exigir.

Já nesta época se viu um caso inédito: o de ter-se de suspender um jogo (Belenenses-Carnide) para acomodar o público...

A boa propaganda que nos últimos tempos se tem feito, e de que a época finda foi bem o expoente máximo, merece, para seu complemento, a atenção para este problema, que deve resolver-se urgentemente. Requer-o o público conquistado — e aquele que o tempo vier a conquistar.

JOÃO ASSUNÇÃO

Basketball Algumas notas sobre o campeonato de Lisboa — A equipa belenense — O problema dos campos

ESTAS coisas do desporto são como... os alcátruzes da nora... Os clubes sentem os vários factores que sobre eles pesam, resultando daí exhibições irregulares, que se notam em espaços relativamente curtos. Não é a primeira vez que este facto se aponta em qualquer actividade desportiva, e muito menos no «basketball».

Circunstâncias de vária ordem afastaram temporariamente um dos mais completos e competentes praticantes da modalidade — Fernando Amaral. A equipa do Carnide — dupla campeã de Lisboa e de Portugal — sofreu assim grave revés, agravado com a saída de João Cruz, cuja transferência para o Belenenses foi autorizada superiormente. Estes dois factos, aliados a outros, devem ter pesado bastante na equipa «carnidense», justificando cabalmente a sua posição modesta neste campeonato; salva-se, no entanto, a estrutura de jogo, a mesma de sempre, acrescida agora de maior combatividade — que lhe permite, passada a crise pessoal que atravessa, poder encerrar o restante da época mais favoravelmente.

As honras do actual campeonato de Lisboa cabem sem dúvida alguma à agürrida equipa belenense. De época para época, o seu valor afirma-se: nesta temporada o conjunto «azul» é o mais forte de quantos tem apresentado, devido à colaboração de João Cruz, o malabarista do «basket».

Mas mais uma vez apontamos a contingência desportiva. A fraqueza — teórica — de determinado grupo não deve ser suficiente para que qualquer encontro seja considerado de antemão como ganho. Há surpresas — e o Belenenses teve uma na semana passada, com a equipa «leonina». Quando é que os responsáveis das linhas se convencem de que não há jogos

fáceis nem difíceis, que todos devem ser encarados com a mesma ponderação e receio, apresentando, por isso, equipas que correspondam às reais aspirações de um clube?

Mas não é só para a 1.ª categoria que deve ser chamada a atenção geral. Nas singelas categorias inferiores esconde-se, por vezes, muito trabalho e valor, que não é de mais encarecer, pois é do que num futuro próximo melhor fruto pode produzir. Ora os «azuis» têm-lhes dedicado, neste capítulo, muito do seu cuidado e atenção, e os prémios colhidos, traduzidos por campeonatos ganhos, são «convincentes». Esta época, o popular clube de Belém singra nas tradições passadas: conta por vitórias os jogos disputados em ambas as categorias inferiores.

A nova estrutura do campeonato, com os grupos reduzidos a oito, último esquema em que se fixou, depois de ter sofrido modificações quasi constantes, veio tornar mais homogênea a sua disputa, aumentando por isso, em interesse e emoção, a sua perspectiva; as cinco jornadas já vencidas assim nos fazem pensar.

Algés, Atlético e Benfica, com as posições já destacadas e de companhia com o Belenenses, aprestam-se para travar renhida luta com vista ao título de campeão. O primeiro parece ter encontrado já o caminho trilhado em anos anteriores, vencendo a crise técnica largamente apontada no início da época transacta.

Carnide, C. U. F. e Lisgás, a tratos com outras crises internas, que os afastam do brilhar de anos anteriores, aguardam os acontecimentos, enquanto o Sporting é relegado para o último lugar. Fraqueza relativa ou falta de «chances»?

Pena é que as vontades expendidas não encontrem meio adequado, no ambiente em que



Guilhar, Lipo, Anjos e Artur de Sousa em ameno passeio com um redactor da *Stadium*.

FORA DO SEU AMBIENTE QUE PENSAM OS JOGADORES DE FUTEBOL?

Um inquérito que principia

pelos F. C. PORTO

HÁ cerca de três anos, a situação do F. C. Porto deixava pouca margem para comentários de louvor. O clube possuía reduzido número de sócios, a sua gerência parecia desamparada e o «steam» não correspondia... As deserções, inúmeras, faziam desanimar uns e outros...

Depois, principiou o trabalho de renovação. Apareceram novos que ninguém conhecia, mas todos se adaptaram com felicidade. Os seus dirigentes, recrutados na camada dos antigos atletas, não viraram a cara a dificuldades — e tudo se recompôs. Hoje, pode contar-se com o F. C. Porto. E depois de umas afinações, que estão ao seu alcance, não lhe faltam possibilidades. Já o está a demonstrar este ano, a despeito dos lisboetas e o terem visto uma vez...

Os grupos que visitam Lisboa, para jogar contra as equipas da capital, mesmo que as suas possibilidades sejam muitas — recebem sempre qualquer coisa...

O que pensam do jogo? Há nervos? Não há nervos? Quasi sempre, aparecem uns «quês», uma opinião pouco segura sobre o que irá passar-se umas horas depois. Alguns, mais confiantes, mais seguros de si, já muito habituados ao ambiente, não «tremem». Outros, mais novos — pelo sim pelo não, falam pouco...

Mas vamos ouvi-los. Hoje, ocupamo-nos do F. C. Porto, campeão crónico do Norte

Antes do Porto-Belenenses... no hotel

O cenário não custa a descrever: «Hall» de um hotel categorizado, que o F. C. Porto procura há muitos anos, verdadeira «república» de todos os portugueses — o Suíço Atlântico, portuguêsmente falando...



Em boa camaradagem no «hall» do hotel.

Duas ou três caras novas na equipa. O que mais desperta a atenção — pela cor e pelo «silêncio» à sua volta, é o africano Norberto Franco. Octaviano mantém com os seus camaradas vivo diálogo; Vitor Guilhar pretende telefonar para o Porto, de onde tinha chegado na véspera; Romão, o médio centro que ia jogar pela primeira vez em Lisboa, procura fixar tudo que o poderia, abrir bem os olhos para ver isto e mais aquilo... Num grupo separado, conhecedores do ambiente — Araújo, Sousa, Anjos, Barrigana, Alfredo, Correia Dias...

E «todo o mundo», a gente do Porto que vive em Lisboa, quer sebar novidades.

Parece ser o que mais custa aos jogadores: dar novidades... Ganhar o campeonato, com relativa facilidade. Agora, vão para o Nacional, com vontade, dispostos a dar tudo por tudo. Serão felizes? Sabe-se lá...

— Mas, depois de bem adaptados ao «andamento» das equipas de Lisboa, talvez a coisa seja falada...

Logo disse Artur de Sousa, que é sempre ousoado, sempre amigo de emitir a sua opinião. E não estava só. Lippo Hertza, técnico que Lisboa conhece, diz igualmente para o «grupo» que o interrogava:

No momento, tenho muitos jogadores, e bons. Preparo-os cuidadosamente e conto com eles. Posso experimentar várias formações no ataque: Lourenço, Araújo, C. Dias, Sousa e Franco; Franco, Lourenço, Catolino, Gomes da Costa e Araújo; Faria, Gomes da Costa, Lourenço, Sousa e Catolino; Franco, Araújo, C. Dias, Gomes da Costa e Catolino, etc. Nos médios e na defesa, acontece a mesma coisa. E nos júniores? 50 inscritos!

Os «Três Mosqueteiros»...

Embora o Vitor Guilhar fizesse a sua estreia no infantil do F. C. Porto, em Fevereiro de 1939, precisamente no posto de defesa, ao lado de António Santos, que foi dos melhores jogadores do seu clube, e de Zeferino Duarte, ainda hoje no 1.º grupo do Vitória de Guimarães, — é sem dúvida Artur Sousa o mais «velho» da equipa. Há 13 anos consecutivos, sem faltar uma época, presta o celebrado «Pinga» o seu concurso ao grupo de honra. E que admirável concurso esse... Oficialmente, Artur Sousa alinhou pela primeira vez no dia 25 de



Os últimos conselhos de Lipo na cabina das Salésias...

Outubro de 1931, contra o Boavista, que foi vencido por 10-2. Foram seus companheiros: Staka, Avelino Martins, Jerónimo, Alvaro Sequeira, Alvaro Pereira, Gomes de Sousa, Lopes Carneiro, Valdemar Mota, Acácio Mesquita e Francisco Castro.

Mais tarde — Manuel dos Anjos. Apareceu no 2.º «steam» do F. C. Porto, vindo de Trás-os-Montes, no ano de 1936. Mas a sua dedicação sem limites havia de vencer. Como Sousa e Vitor Guilhar, conseguiu chegar a «internacional», em Bilbao, contra a Espanha, a substituir Mariano Amaro.

Artur Sousa, Guilhar e Anjos são, por isso, os «Três Mosqueteiros» do F. C. Porto. Quando todo era deserença; quando o popular clube do Norte se viu abandonado por Carlos Pereira, Pe-track, Kodryna, António Nunes, Valongo, Pereira, Bela e Carlos Nunes; quando António Santos achou que era oportuno retirar-se da actividade, — responderam os três à chamada. Artur Sousa disse-nos muitas vezes:

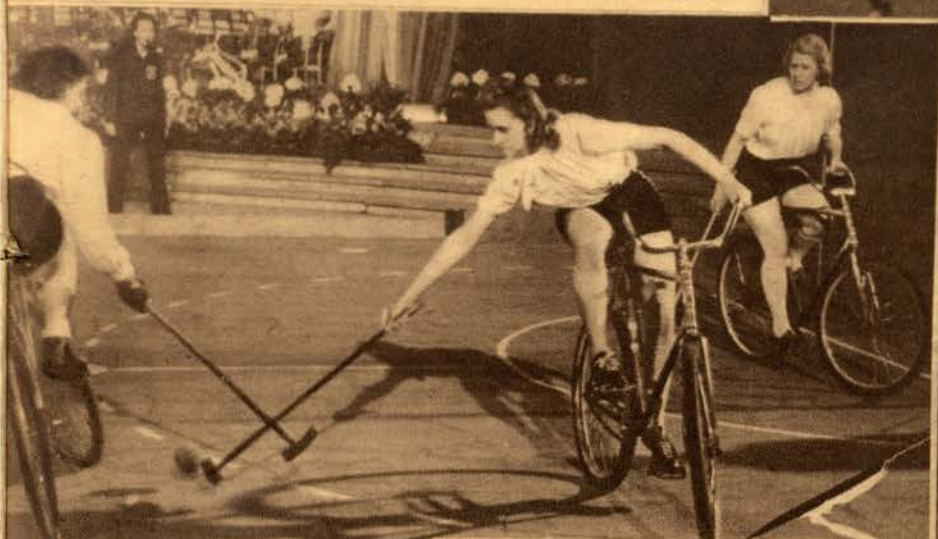
— Quando abandonar, há-de o F. C. Porto possuir um grupo bom. Até lá, trabalharei esforçadamente. No dia em que me despedir, haverá no clube, pelo menos, um interior esquerdo — para se esquecerem de mim...

Aqui há afirmação arrojada, com certeza. «Pinga» será inesquecível, por muitos anos!

Depois do encontro das Salésias...

A equipa está «vista», primeiro no hotel, quando em descanso. Interessa conhecer algumas opiniões dos jogadores depois do encontro que estiveram quasi a empatar.

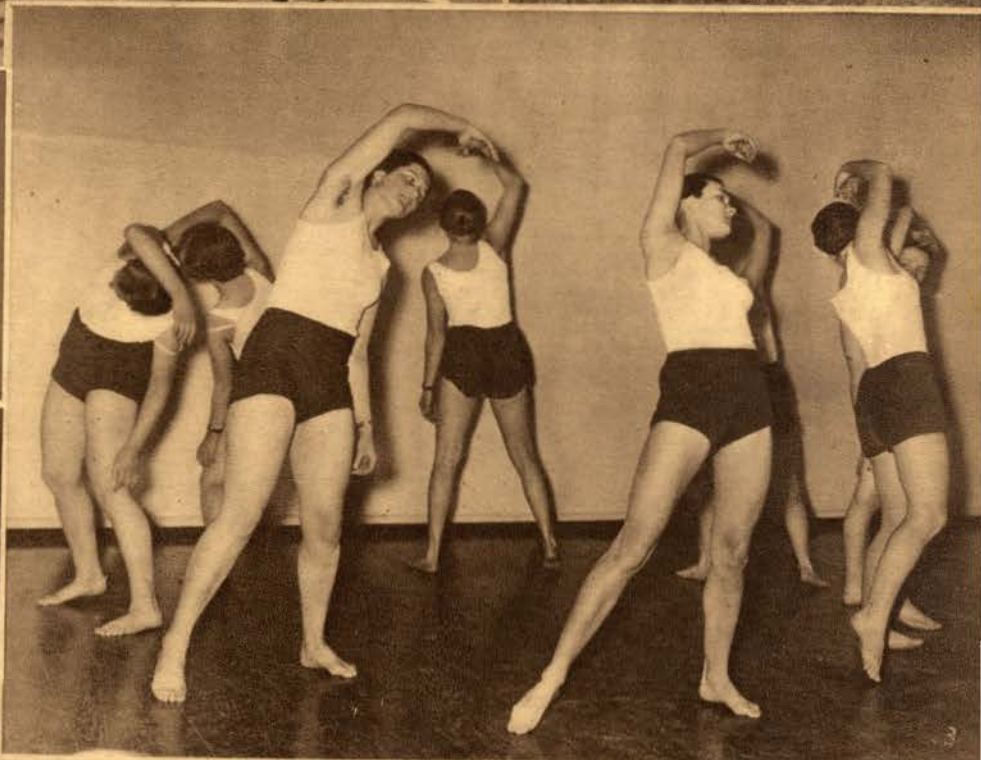
(Continua na pag. 11)



A MARCA
QUE
VOU USAR
EM CHAPÉUS
E BONÉS

Uma página de actualidades do estrangeiro que STADIUM dedica à mulher portuguesa — para que nela se inspire...

1 — O 'polo' jogado em bicicletas, modalidade ainda por experimentar entre nós; 2 — Fase de um jogo de 'handball' — que pode dizer-se... varonil!; 3 — A beleza de atitudes e ritmo desta graciosa classe feminina, parece despertar interesse especial nos pequenos; (4) que a espreitam enquanto não chega a sua vez...; 5 — Energia e esforço neste percurso em 'mariposas' — que aliás algumas portuguesas também executam da mesma forma...



O GRANDE CAMPEONATO

A superioridade de Lisboa em cheque

Vitória (S), F. C. do Pôrto e Olhanense preparando-se para o ataque aos Melhores

A 1.ª jornada deu-nos de tudo: bom e mau jogo. Até surpresas...

Crónica de TAVARES DA SILVA

COMO estava previsto — o Plano das Competições desenvolve-se sempre com regularidade e também com verdade — findos os torneios regionais, passou-se ao campeonato nacional com a concorrência de dez clubes, representando seis Associações Distritais, ou seis regiões, palavra que poderá ter um significado mais amplo. Quere isto dizer que nem todos as Associações estão representadas no grande torneio do futebol, dito nacional, embora a tendência seja para o alargamento da Prova, conforme as solicitações do próprio futebol.

Para se chegar ao estado actual foi preciso lutar muito. Insistir sempre, nunca se esmorecendo. Fômos nós e outros, isto é, a crítica especializada, que tornámos possível a fórmula de hoje, a qual abateu logo nas suas primeiras experiências todos os obstáculos e argumentos contrários à sua implantação.

O mais curioso é que esses argumentos e obstáculos reaparecem — sempre que, desejando dar-se o carácter de nacional ao Campeonato Nacional, e servindo o jogo — logo que se fala no alargamento e na necessidade de interessar todas as Associações ou regiões na justa maior do nosso futebol.

Pois não tenham medo — senhores! Procedam, evidentemente, com cautela. Mas há aí uma ou duas regiões de futebol que mais tarde ou mais cedo não podem deixar de serem chamadas à competição. Não demorem, portanto, essa chamada, injustificadamente. Na primeira época, ou nas primeiras vezes, esses *teams* hão-de estranhar, mas adaptar-se-ão a pouco e pouco, e passado o período de incertezas darão, por certo, boa conta. De resto, os exemplos já fornecidos são animadores. Para a frente é que é o caminho.

O campeonato nacional não poderia começar sob melhores auspícios. Lutas duras e equilibradas em lóda a parte, de modo geral, em Lisboa, no Pôrto, em Setúbal e em Olhão. Logo na primeira jornada uma *surpresa* que é de pôr os cabelos de pé aos clubes mais categorizados. Em todos os lados, nota-se o desejo dos *teams* considerados como de menos categoria subirem, igualando-se aos melhores. A tradicional superioridade de Lisboa começa a encontrar na Província os mais sérios escolhos. Vejamos os resultados, indicando em primeiro lugar os clubes que jogaram em casa:

Benelenses 3	— F. C. do Pôrto 2
Benfica 2	— Estoril 0
Vitória (Setúbal)	... 4	— Sporting 1
Salgueiros 3	— Vitória (Guimarães) 2
Olhanense 8	— Académica 4

Logo que se olha para o quadro dos resultados, os números de Setúbal adquirem insensivelmente uma grandeza maior do que os outros, dominando a jornada. O Vitória de Setúbal não escreveu apenas mais uma página gloriosa da sua história, mas prestou também um grande serviço à competição e ao futebol. Já se sabe que Setúbal, uma das sentinelas avançadas do futebol da província, representa uma dificuldade que aguçava a curiosidade pelo torneio. Porque o *score* de 4-1, eis a verdade, não foi um produto do acaso ou de mera sorte, lei que, aliás, serve a todos como desculpa, mas uma expressão verdadeira do que foi o desafio. Expressão que nem sequer favorece o vencedor.

O comportamento do Pôrto também é de destacar, tendo despertado viva curiosidade a apresentação do campeão portuense. Se é certo que o grupo não atingiu a nota de distinção, nem isso se deverá estranhar dada a facilidade da vitória no torneio da sua região, que não condiz, evidentemente, à forma apurada e conveniente, não há dúvida que o onze revelou qualidades suficientes para se dizer que está ali um *team* difícil de se bater — como se verá...

O Olhanense, como motivo de interesse, vem logo a seguir, mostrando capacidade de realização e também facilidade de encontrar novos avançados quando se torna necessário (o caso do centro é expressivo). A Académica, pelo seu lado, lutando com entusiasmo, também se prepara para honrar as suas tradições. Salgueiros e Vitória de Guimarães, num encontro equilibrado, encheram-se de brios, cumprindo agora vênios em frente dos maiores, para juízo seguro.

Os *teams* da capital não atravessaram o seu melhor período. Longe disso. O campeonato de Lisboa, se os colejos, também lhes fez obra de desgaste. Não há bela sem senão. Estão agora num ponto morto, tanto podendo subir como descer. Sem dúvida, no entanto, o principal papel continuará a caber-lhes. Os *goals* da primeira jornada são indicações. Mas há ainda muito tempo na frente para cada *team* pagar seus erros, e para cada vitorioso sofrer também as maiores desilusões. Atenção a tudo.

As arbitragens caracterizam-se por um excesso de zelo no que diz respeito à carga com o corpo. Pune-se a todo o momento, e por dá cá aquela palha, tirando ao jogo a necessária continuidade e a beleza própria do jogo atlético. O sistema de diagonal — que nenhum árbitro pratica — continua a originar as maiores confusões, produzindo vilimas.

O futebol está em pleno desenvolvimento. Em Lisboa fala-se muito no jogo. Mas as cidades interessadas na contenda dão-se completamente à competição.

A brilhantíssima exibição do Vitória.

O fracasso sportinguista.

Com todas as atenuantes que o Sporting possa apresentar, não há dúvida que o Vitória produziu uma das suas melhores exibições de todos os tempos. Quem lá foi refere, em síntese, que o campeão de Setúbal produziu um jogo largo, metódico, rápido, de singular entusiasmo. Dá gosto, de resto, ver um futebol com estas características, veloz e alegre. Os jogadores da capital como que ficaram extenuados, actuando várias vezes por dever de ofício, ao que parece. Os da província, vidé Setúbal, vibram com o jogo, dão-se à luta da principio ao fim, e nunca estão contentes com aquilo que lhes sai, procurando sempre fazer melhor.

O Sporting apresentou o mesmo *team* que contra o Benfica, e com idêntica orientação. Ora o que dá resultado numa emergência — nem sempre o dará (quantas vezes temos dito, e insistido, que nos problemas do futebol nunca se deverá perder de vista um elemento que se chama adversário). Apenas com a necessária e diferente constituição do bloco defensivo, entrando para *back* direito Frasco, dada a lesão de M. Marques. Nada fazia prever um tão grande desengano sportinguista. Mas é que a linha avançada setubalense, principalmente o trio do meio, submeteu a defesa lisboeta a um esforço violento e puxado. Assim, de certa altura para diante, os *backs* do Sporting encontravam-se extenuados, em particular o suplente.

A linha avançada do Vitória, bem apoiada, e golgando sem dificuldades pelo centro do terreno, teve ocasião de mostrar a sua eficiência. É certo que o médio-centro (Veríssimo), falhando por completo, a pontos de parecer um estrepante, e meu estrepante, favoreceu esse jogo de ataque. Isto, porém, é do futebol. E se uma linha avançada não tem méritos nada os fará ter: nem a falta de médio-centro o contrário.

Mais. Foi o Vitória que deu, na ligação dos sectores defensivos com os dianteiros, a ideia de conjunto e mecanização. É que a linha da frente do Sporting desuniu-se quasi que por completo, vindo-se Peyroteo na necessidade de jogar na toada de esforço isolado, um pouco acompanhado por Canário na primeira parte. Quando assim acontece — está dito tudo. Não foram os lisboetas que deram uma lição: foi o Sporting que a recebeu.

Os *leões* protestaram o resultado. Deu-se o caso de, quando em 3-1, na marcação de um *livre* perto da grande área, o Sporting ter marcado uma bola tendo o árbitro apitado porque um setubalense não se encontrava à distância regulamentar. Quere dizer, à jornada, para ser completa, nem sequer faltou o chamado protesto de ordem técnica...

O Pôrto não saiu diminuído das Salésias.

Seu futebol agradável

Os *teams* quando se deixam desanimar, ou quando perdem a serenidade, levam depois tempo, e custa muito, a atingir a *forma*. O Belenense, por exemplo, teve há relativamente pouco tempo uma quadra brilhante para logo atravessar momentos difíceis, dadas as lesões e outros inconvenientes.

Ainda este ano — o clube conseguiu ter o título lisboeta ao seu alcance para, num repente, e num golpe, inutilizar todo o trabalho. Todavia, é incrível a preocupação dos seus dirigentes no sentido de consolidar o grupo, dando-lhe a indispensável base de confiança.

Não ficámos bem com a nossa consciência se dissessemos que o *team* do Belenense da primeira jornada nos tinha agradado. A melhoria no ataque foi sensível. Eloy, ainda não completamente refeito, e José Pedro, na relva das Salésias, são interiores capazes de servir com exito o avançado-centro. Por outro lado, essa linha avançada pôs de parte, já mais um pouco, o futebol para o lado e a abundância de passes, para nos dar uma ideia razoável de eficiência. Barrigana viu-se na dura contingência de se empregar a fundo, e não o bolas mortas — mas a bolas com vida.

Entretanto, a ligação entre os vários compartimentos continua a ser diliciente. Desculpando a formação de defesas, de alinhamento forçado (felizmente interprete nesse bloco o papel de *puntal*) parece-nos indiscutível que a colaboração médios-avancados está longe de ser aceitável, quanto mais perfeita, pondo em sério risco os esforços tendentes à valorização e melhoria do grupo. Entre estes dois sectores não há ideia de continuidade de jogo, ou de solidariedade, vindo-se uma zona em que não há implantada uma unidade belenense (eis o altura de recordar Mariano Amaral). A influência perniciososa de Acácio enegrece ainda um pouco mais o quadro.

O Pôrto é uma mescla de jogadores que tende a mecanizar-se, como

o exige o futebol de hoje. Jogadores plenos de experiência como base da equipa, imprimindo orientação ao jogo servido por novos valores. Vê-se que o onze não está, por enquanto, devidamente ligado, mas que mostra tendência para o estar. Pratica um futebol de passes rasteiros e triangulares, no método da geometria. Jogo alegre, vistoso, de movimentação fácil, e entusiástico. Que precisa este team? «Calor» e luta. O grupo entrou receoso no terreno, talvez um pouco descrente nas suas possibilidades. Ora, é preciso que se convença que o seu valor é igual, ou aproximado, aos melhores. De todos os elementos novos sobressai Calolino, o extremo esquerdo, ousado e de bom remate, já que Araújo se deixou apagar.

Com um pouco mais de sorte, o grupo não teria levado para o Pôrto uma derrota na sua primeira saída. Chegou, mesmo, a estabelecer o empate, com um goal limpo, e o mais belo da tarde, invalidado pelo árbitro a expensas do juiz de linha. Tivemos também a impressão de que o team joga mais, quando ao ataque, do que vendo-se obrigado à função defensiva, possivelmente pela insuficiência do médio-centro. Tudo isto — juízos a reclificar no futuro.

Benfica, sempre ao ataque, encontrou uma defesa sólida

As características deste encontro foram realmente as seguintes: ataque do Benfica e defesa aguerrida e pujante do Estoril. Lá de quando em vez um esforço do team dominado no sentido de se libertar da pressão.

Deverá assinalar-se, no entanto, que esta ofensiva benfiquense resultou mais do espirito manido em campo pela linha modular, numa exibição cheia de harmonia, do que propriamente de iniciativas dessa mesma formação atacante. João Silva-Guia Costa-Francisco Ferreira foi aquilo que pode dizer-se um esplêndido terceiro. A falta de Albino deu origem à aparição de Gula Costa, um jogador-afleito, com carreira de destaque no lugar na categoria reserva.

Evidentemente — que o linha avançada do Benfica deu seguimento ao jogo, desenvolvendo com a habitual habilidade a sua movimentação colectiva, à base do toque na bola, às vezes em detrimento da eficiência. Eis uma das acusações que se podem fazer ao grupo no passado domingo, não forçando muito à nota. Todavia, é de salientar a circunstância do eixo estar ocupado por um estreante, o que influiu no resultado prático. Mesmo assim, a linha demorou-se em passes, recreando-se na sorte, e permitindo com este procedimento a entrada dos defesas. Na verdade, o bloco defensivo do Estoril esteve sólido, sendo belido por duas vezes — porque não podia deixar de ser. Valongo foi a grande figura, a tal ponto que a população do Benfica lhe dispensou duas grandiosas e desportivas ovações. É verdade que tudo saiu bem ao guarda-rédes do Pôrto, mas a sua exibição não tem a marca do acaso. É antes o resultado de boa colocação, golpe de vista, agilidade e decisão. Ainda bem. Precisamos de valores no futebol português.

Em Olhão e no Pôrto — jogo de entusiasmo

O desafio de Olhão, disputado em terreno de mau piso, demonstrou mais uma vez as dificuldades que têm de enfretrar os que se deslocarem àquela terra. Já sabem que terão na sua frente um adversário pleno de vivacidade e resolução, com uma linha avançada de excelente combinação, que imprime ao seu jogo desconcertante rapidez e singular vibração.

A Académica, de resto, portou-se bem. Caso curioso, tanto nos argurios como nos de Coimbra, foi a ideia de ataque que dominou todo o encontro. A juntar a isto, sucede que ambas as linhas defensivas estiveram abaixo das suas possibilidades, ou então são inferiores aos respectivos ataques. Qualquer das formações atacantes realizou os seus goals com relativa facilidade.

O jogo foi interessante de vêr-se, e em ambos os campos produzi-

ram-se lances do melhor futebol, umas vezes, o par de outras, de futebol mais apagado.

O Salgueiros e Vitória disputaram uma destas partidas incoerentes no capítulo da técnica; sem método ou sistema, nem da marcação, nem de ataque nem de defesa, o que prova até certo ponto que não é indiferente ter-se ou não, matéria prima para a adopção de um plano de jogo.

Em geral, quando o jogo decorre desta maneira, em correrias atrás da bola, sem fio de ligação, há ao menos entusiasmo. Foi o que se verificou no campo Augusto Leça. Cada equipa pôs em campo o melhor da sua vibração, tentando a sua chance. O resultado, indeciso até o fim, veio a resolver-se a favor do Salgueiros, parecendo que o Vitória não progrediu em relação à ideia que temos do team. É pena — se assim for.

Linhas. Arbitros. Goals

Como interesse de arquivo damos algumas notas sobre os encontros do 1.ª jornada.

Vitória: Baptista; Montês e Armino; Pacheco, Figueiredo e Luciano; Passos, Nunes, Rodrigues, Cardoso Pereira e Carlos Santos.

Sporting: Azevedo; Frazão e Cardoso; Barroso, Veríssimo e Nogueira; João Cruz, Canário, Peyroteo, António Marques e Albano.

Árbitro: Alvaro Santos, de Coimbra. As bolas do vencedor foram marcadas por Carlos Santos, Cardoso Pereira e Rodrigues (2), respectivamente, aos 4, 49, 55 e 71 minutos; e a do vencido, por Frazão, aproveitando um livre aos 43 minutos. 1.ª parte: 1-1.

Belenenses: Acácio; Vasco e Sérgio; Varela, Gomes e Serafim; Coelho, Eloi, Armando, José Pedro e Rafael.

Pôrto: Barrigana; Alfredo e Guilhar; Anjos, Romão e Oclaviano; Norberto, Araújo, Correia Dias, Pinga e Cbiolino.

Árbitro: Vasco Ataíde, de Coimbra. As bolas do Belenenses foram marcadas por Armando, José Pedro e Rafael, aos 8, 30 e 33 minutos. Fizem as do Pôrto, Manuel Anjos, num livre, e Correia Dias, aos 6 e 30 minutos. 1.ª parte: 3-1.

Benfica: Martins; Gaspar e César; João Silva, Guia, Francisco Ferreira; Espírito Santo, Júlio, Félix, Teixeira e Rogério.

Estoril: Valongo; Alberto e Eloi; Oliveira, Sborra e Júlio Costa; Bravo, Pisa, Petrack, Vieira e Raúl Silva.

Árbitro: Domingos Godinho, de Lisboa. Autores das bolas do Benfica: Espírito Santo e F. Ferreira aos 20 e 47 minutos da partida. 1.ª parte: 1-0.

Olhansense: Abraão; Rodrigues e Nunes; João dos Santos; Grazina e Loulé; Moreira, Joaquim Pulo, Eminência, Salvador e Gomes.

Académica: Soares; Lopes e Reis; Lomba, Oliveira, António Maria; Joaquim João, Nena, Faustino, Nini e Albino.

Os goals argurios devem-se a Eminência, Grazina, Moreira, Eminência, Gomes, Eminência, Gomes e Eminência, ao 15, 20, 23, 35, 58, 70, 81 e 87 minutos. Os de Coimbra a Faustino, Joaquim João, Faustino e Conceição, aos 17, 37, 74 e 76 minutos. 1.ª parte: 4-2 a favor do Olhansense.

Salgueiros: Peixoto; Jaime e Jordão; Rebelo, Oliveira I, Nogueira; Renato, Oliveira II, Mota, Alfredo e Machado.

Vitória (Guimarães): Machado; Curedo e João; Zeferino, Garcia e José Maria; Arlindo, Miguel, Brioso, Ferraz e Albino.

Árbitro: Andrade dos Santos, de Coimbra. Bolas do Salgueiros; Machado (2), respectivamente aos 24 e 47 minutos, e Renato, aos 89 minutos; Do Vitória (G): Zeferino e Brioso, aos 75 e 87 minutos. 1.ª parte: 1-0 a favor do Salgueiros.

CONCLUIDOS os campeonatos regionais de Braga, Pôrto, Coimbra, Setúbal, Lisboa e Alentejo, está ainda a disputar-se os campeonatos de Aveiro, Beja, Santarém e Viseu. Vejamos os resultados de domingo nos três primeiros distritos.

AVEIRO — O Sporting Clube de Espinho, que há uma semana experimentou dificuldades, contra o Oliveirense, no seu próprio campo, conseguiu agora um resultado sensacional em S. João da Madeira: 4-1.

O Oliveirense também obteve significativo triunfo sobre o Lamas — 6-0, e os antigos campeões — marcaram agora fora de todas as possibilidades.

BEJA — O Luso, desta cidade, dominou o Despertar, também de Beja, ganhando por 4-0. Em Moura, o Atlético bateu o S. Domingos por 5-0.

SANTARÉM — No Estádio de S. Lazaro, efectuou-se o encontro Scalabitano «Os Leões» — Associação Académica. O grupo leonino triunfou por 4-1, após uma exibição em tudo superior ao seu adversário. Na zona de Vila Franca de Xira, o Águia Vilafranquense ganhou ao Sporting por 3-0.

No apuramento final, parecem ter vantagem os «leões» de Santarém, mas deve contar-se com a reacção dos vilafranquenses.

VISEU — O D, de Tondela foi áscipital do seu distrito buscar um empate de 3-3, precisamente em luta contra o campeão — o Académico.

Os campeonatos distritais

e a II Divisão da A. F. L.

Desenha-se a luta para o último lugar, entre o Bodiensense e o Desportivo de Tondela, agora forçados a jogar fora do seu terreno. É natural, por isso mesmo, que a classificação lhe não venha a ser favorável.

Campeonato da II Divisão da A. F. L. está prestes a finalizar. No último domingo efectuaram-se os encontros correspondentes à décima segunda e antepenúltima jornadas da competição.

O programa da duodécima «saída dos clubes concorrentes a esta prova oferecia grande interesse, mormente pelo que respeitava à luta entre o Chelsea e o Fofosforos, respectivamente, «leaders» e «sub-leaders». É que este desafio era, a bem dizer, o único, de entre os quarenta e oito que são disputados, capaz de fornecer uma indicação quanto ao possível vencedor da prova.

Com efeito, o vencedor desse desafio ficava em excelentes condições de alcançar o cobizado título. E se não, vejamos: venceu o Chelsea, que ficou com margem de três pontos sobre o segundo, faltando-lhe, agora, de frontar o Operário (fóra) e o Sacavenense (casa). Não é crível, portanto, que o clube de João Rosa venha a perder a invejável posição que hoje tem.

Depois dos jogos de domingo passado, a classificação dos clubes ficou assim: 1.º Chelsea, 32 pontos; 2.º Fofosforos, 29 pontos; 3.º F. Benfica e Operário, 25 pontos; 5.º Olivais, 22 pontos;

6.º Sacavenense, 21 pontos; 7.º Casa Pia, 18 pontos; 8.º Marvilense, 14 pontos.

A única alteração foi a de voltarem a estar juntos o F. Benfica e o Operário.

Os resultados dos encontros foram os seguintes

Table with 2 columns: Team names and scores. Chelsea-Fofosforos 3-2, F. Benfica-Operário 0-2, Olivais-Sacavenense 0-2, Casa Pia-Marvilense 1-3.

A luta entre chelenses e marvilenses de cima foi de longo a que suscitou maior interesse. Viu-se que havia razão para tal. O resultado pela tangente indica bem que os contendores se bateram com os olhos postos no resultado. Tecnicamente, a vantagem pertenceu aos Fofosforos, que chegou a ter 2-1 a seu favor, numa justa compensação para o seu melhor labor técnico. Dando mostras de satisfeitos e confiantes, os visitantes não insistiram pela consolidação da vantagem, acabando por sair derrotados, visto que os adversários, aproveitando um «lívre» e um «penalty», puderam acabar vencedores.

O Futebol Benfica obteve expressivo resultado sobre um grupo que parecia disposto a bom final de prova. Saliente-se que essa diferença tão nítida só foi possível por dois deslates do guarda-rédes de S. Vicente. Se a segunda parte fosse tão bem jogada como a primeira, o desafio teria ficado como dos melhores efectuados em campos da II Divisão.

Não era muito de esperar que o Sacavenense fosse bater o Olivais, no campo deste. O desafio tornou-se indesejável, não tanto pela fraca exibição das equipas, mas pelas atitudes de incorrecção a que se assistiu. O resultado, todavia, compreende-se, os oliveirenses jogaram quasi sempre com dez homens, por expulsão do seu defesa Tomás.

Festeje-se a primeira vitória do Marvilense, afundada, no entanto, pelas atitudes feias que se verificaram após o intervalo. Como no desafio anterior, o grupo que venceu beneficiou da expulsão de um elemento da equipa contrária para se impor mais facilmente.



COMEÇOU O NACIONAL...
... e os "leões" deram a primeira nota de sensação



NAS SALESIAS: 1 - Correla dias procurou furar entre Gomes e Sérgio mas Acácio entrou a tempo; 2 - Alinda Gomes e Correla Dias em luta; 3 - Como José Pedro e Barrigona se tocaram num momento crítico...; 4 - Barrigona capta a bola enquanto Guilhar o protege da entrada de Armando.
NO CAMPO GRANDE: 5 - Com Valongo em bem pouco invejável situação, a defesa estorilense procura afastar o perigo; 6 - Curiosa face do ataque benfiquista em acção, mesmo depois de Julio haver perdido a bola.
EM SETUBAL: 7 - Valente estrada de Azevedo - que no entanto deixou fugir a bola; 8 - Outra intervenção de Azevedo para impedir a acção de Rodrigues.



PUGILISMO

Guilherme Martins domina Carlos Wilson mas perde a decisão

Crónica de RAFAEL BARRADAS

O que foi a sessão de domingo

INSISTINDO na louvável intenção de manter junto do público o interesse pelo boxe e ainda para evitar que os pugilistas fiquem condenados a inactividade deplorável — desportiva e financeira — a empresa do Estádio Mayer abalançou-se na organização de espectáculos sem pretensões e que estão longe de constituir outros tantos êxitos de bilheteira.

Estamos confiados que este esforço frutifique quando as condições actuais se transformem, visto ser o principal adversário dos combates diurnos e nocturnos a inexistência de um recinto coberto e confortável, que constitua ambiente propício para tais empreendimentos.

Com o tempo chuvoso e a temperatura fria que no domingo se registou, seria muito problemática, como foi, a afluência de público, tanto mais que os desafios de futebol eram de molde a atrair muita gente aos campos.

O primeiro combate da tarde disputaram-no Carlos Trindade (59 k.), um amador que pretende ingressar nas fileiras do profissionalismo, e Alberto Afonso (57 k.), rude «cavalão-de-ensaiar» para prova de suficiência. Trindade não conseguiu impôr-se por completo e de dominador inicial passou a dominado. Mostrou possuir alguma intuição mas é, porém, de constituição algo frágil. Arbitrou o sr. Walter Pressler, que concedeu justamente a vitória a A. Afonso.

João Pedro Quintino e Cruz Passos, dois meio-médios, fizeram 6 assaltos violentos, durante os quais não se exergou a menor sombra de esgrima de punhos, mas, em contrapartida, uma péga rija, sem tréguas. A decisão de empate quadra-se com a feição da luta, tendo-nos agradado mais o pugilista Passos, cujos conhecimentos são rudimentares mas supridos por vigor pouco comum.

Arbitrou sem péchas o sr. Aluizio Falcão. O terceiro combate da tarde coube a Alfredo de Oliveira, que lutou contra Eduardo Alves. Ambos pesos leves, desta vez, parece-nos que normalmente Alves é bastante mais leve. Isso não o impediu de se defender e até de aplicar excelentes socos. No 5.º assalto, por exemplo, Oliveira foi sacudido com fortes golpes da direita, mas no final dos 8 assaltos do encontro a superioridade do mesmo jogador foi suficiente para obter a decisão justa por pontos.

Arbitrou o sr. José de Araújo. O restante combate de meio fundo travou-se entre António Mateus e Raúl de Oliveira. Mateus bateu-se galhardamente e merecia a vitória, mas o árbitro julgou de modo diferente, optando pelo empate. Apreciamos em Mateus o seu temperamento de batalhador infatigável e os golpes a distância mais bem aplicados foram de sua autoria. Oliveira mostrou-se o mais poderoso de ambos mas também — o mais lento.

Dirigiu o encontro o sr. Machado Júnior. O combate principal da noite realizaram-no Guilherme Martins (61,8 k.) e Carlos Wilson (63 k.). Desde os primeiros momentos ficámos sob a impressão de que Martins não subira ao quadrângulo em plena posse das suas faculdades físicas, denotando emagrecimento visível. Apesar disso, terminou o 1.º assalto com leve domínio (20-19) de pontos. No 2.º round, Martins, procurando atingir a cara do adversário, prodigaliza os ataques com ambas as mãos e acerta com frequência (20-19). As réplicas de Wilson, mais espaçadas, são também mais vigorosas.

O terceiro assalto pertence ainda a Martins, que bate no estomago e domina amplamente o adversário até quase final. Wilson reage bem e riposta com força e precisão à cara (20-18).

No quarto assalto, ambos os pugilistas se socam com valentia e não se verifica vantagem para nenhum deles. Martins procura o estômago e os flancos mas encaixa alguns golpes na cara (20-20).

No 5.º assalto Wilson domina, em parte graças ao côro que os seus admiradores principiam fazendo, o que o excita e impele ao ataque (19-20). O assalto imediato coube igualmente a Wilson, que tocou duramente no olho esquerdo de Guilherme Martins, mas por uma diferença ligeira (19-20).

O 7.º assalto é ainda apanágio de Wilson, por muito pouco. Martins parece reservar-se, mas sempre que tem oportunidade bate na cara com ambas as mãos (19-20). O último assalto pertence largamente a Guilherme Martins, que leva diante de si o pugilista de côr, socando-o sem descanso e fazendo-o sangrar pelo nariz. Wilson não procura ripostar mas apenas parar os golpes e ceder diante do adversário (20-16).

Adicionada a pontuação, achámos 157 pontos a favor de Martins e 152 para Wilson. Foi com o maior espanto que assistimos à decisão do sr. Aluizio Falcão, escolhendo como vencedor Wilson. Um empate, embora longe de se ajustar à verdadeira fisionomia do combate, seria mais perdoável — agora a derrota de Guilherme Martins só como acto reparador e de conciliação, pelo muito que sofreram os filhos de Cham nos tempos da escravatura...

O vencido não deixou o «ering» diminuído, pois no espírito das pessoas desapaixonadas e justas ficou bem gravado que só por erro de critério a vitória lhe não fora concedida. Estes percalços são, infelizmente, inevitáveis — e esperamos que noutra oportunidade Carlos Wilson conceda a desforra ao seu adversário de domingo.

O "Torneio de preparação" da Associação de Pugilismo

O torneio que recentemente foi promovido pela Associação de Pugilismo de Lisboa e que se efectuou no recinto coberto do Lisgás, embora concebido em moldes demasiado exclusivistas, por não permitir inscrições individuais, revelou a fraca qualidade e quantidade dos praticantes do boxe amador. Sob o ponto de vista de concorrência colectiva, confunde-nos o número exigido de clubes inscritos e as ausências do Gimnásio Clube Português e do Lisboa Gimnásio, outrora florescentes e mantendo em actividade esplêndidas classes. Custa verificar que agremiações onde se cultivou e alimentou o alôôbre dos mais distintos amadores portugueses, estejam agora formalmente desinteressadas da prática de um desporto tão aliciente e notável!

Sem querer diminuir o concurso do Matadouro, Ateneu e Estoril-Praia, devemos pôr em foco a homogeneidade e a preparação da turma do Lisgás que, se não houvesse participado do torneio, o teria relegado a nível de frouxo lu-

Um homem com a barba por fazer

Que feio! Tão pouco elegante! Diremos até: não agrada a ninguém e dá a impressão de pouco assado. Mas quantas vezes o motivo é a pele, que não admite a lamina senão de dias a dias: um martírio!

Pela bem: faça a barba e aplique Glycol — o ideal da pele — só Glycol, e verá como obtém resultados maravilhosos e pode barbear-se todos os dias.

A venda nas principais casas da especialidade e boas farmácias.

Deposítários gerais: Vestura D'Almeida & Pena, rua do Guarda-Mór, 20, 3.º, esq. (a Santos), Lisboa.

Enviamos amostras contra 580 em selos do correio, nome e morada.

zimento. Com tão poucas colectividades reconhecemos que a Associação de Pugilismo tem diante de si uma tarefa cheia das maiores dificuldades e a sua persistência, efectuando o torneio, merecia ter sido coroada de bom êxito, quer financeiro, quer desportivo e espectacular. Devem estas considerações animá-la a prosseguir na execução de trabalhos futuros, realizando o Campeonato Regional em data que permita o aperfeiçoamento dos actuais amadores, sem o que a prova se tornará numa 2.ª edição do torneio que findou.

A vitória do Lisgás, por equipas, corresponde à sua persistência na preparação e à fraca oposição que defrontou. Valores apreciáveis: Patrício Alvares (66,6 k.) e João Jorge (57,1 k.), mas que não são ainda jogadores feitos e completos. Dos 23 desportistas que compareceram ficaram vencedores os seguintes:

Armando Costa (Lisgás), nos mínimos, derrotando por pontos Alberto de Oliveira (Matadouro), ambos únicos concorrentes na categoria; Manuel Martins (Lisgás), em *levisimos*, batendo José Timóteo (Matadouro), igualmente isolados na sua classe de peso; João Jorge (Lisgás), nos *meios-leves*, vencedor de Fernando Pêres (Ateneu), por K-O ao 2.º assalto. Nas eliminatórias anteriores, Pêres havia derrotado Joaquim Ferreira (Matadouro), e João Jorge fizera o mesmo a Manuel de Melo (Lisgás).

Nos *leves*, José Cavaco (Ateneu) dispôs de Diamantino de Almeida (Matadouro), por pontos, depois de ter vencido por K-O Adelino Gonçalves (mesmo clube) e por pontos José Charles Costa (idem). Este concorrente africano parece possuir disposições aproveitáveis para a prática do boxe.

Nos *meio-médios*, Artur Dias (Lisgás), derrotou Lopes da Costa (Estoril-Praia), por K-O, mas veio a perder pelo mesmo processo, ao 1.º assalto, com Patrício Alvares (Lisgás), que na eliminatória abatera Jerónimo de Matos (mesmo clube).

Em *médios*, foi vencedor Manuel Ferreira (Lisgás), o qual ganhou, com algum trabalho, a Carlos Nogueira (Estoril-Praia). Na *meia-final*, o primeiro dominara António Moreno (Matadouro), e o segundo Elgar Godinho (Ateneu).

Nos *meio-pesados* apurou-se um concorrente único, António Simões, (Estoril-Praia), o mesmo sucedendo na *categoria-máxima*, com Manuel Tujeira (Matadouro).

Como não tivessem tido adversários para combater, julgamos que um combate-exibição entre ambos poderia ter permitido avaliar do seu valor; em casos como este é hábito permitir, até, a disputa do título dos pesados, mas a Associação preferiu deixar-nos a todos na ignorância do mérito de cada um...

As arbitragens, confiadas a conhecidos profissionais desse mister, tiveram alguns deslizes. Estranhámos e desaprovamos o funcionamento de júris em encontros de tão alta importância e em especial a composição mista, de dilettantes e pessoas de prática consumada.

INTERINO

AVIOMINIATURA O CLUBE ATLÉTICO DE CAMPO DE OURIQUE vai inaugurar uma sala de trabalho e abre ao público uma exposição de aviominiatura

No seu ginásio da rua Silva Carvalho, o Clube Atlético de Campo de Ourique abre ao público, no próximo dia 1 de Dezembro, uma exposição de modelos reduzidos de aviões, que certamente despertará justificado interesse.

Durante o cerimonial de inauguração será prestado homenagem ao seu eleito sócio Carlos Silva de Custe Alves, vítima de um desastre, com um pirador, na «Escola Bertolomeu de Gusmão», quando realizava o primeiro voo. Será dado o seu nome a uma sala de trabalho dos aviominiaturistas do clube.

A exposição abrirá às 16 horas daquele dia e manter-se-á até 3 de Dezembro.

BOLETIM DO SPORTING

Recebemos o 3.º número da nova série do Boletim do Sporting Clube de Portugal, que se mostra nitidamente melhorado. Dedicamos algumas páginas à viagem do «team» de honra do clube a Madrid e publicamos alguns artigos de flagrante interesse para os «leões».

Reportagens gráficas

ENTREGA DAS CAPAS

Aos inúmeros leitores da provincia, que nos enviaram copões para expedição das capas que oferecemos para encadernação das reportagens gráficas, pedimos o favor de as mandar levantar à Administração, visto termos verificado a inconveniência de as receber pelo correio, por se estragarem. Nas localidades onde tenhamos agentes, podemos expedilas para estes, desde que os nossos leitores nos enviem instruções nesse sentido. No próximo número indicaremos o local no Porto onde podem ser levantadas as capas.

ESTAMPAS ESGOTADAS

Na próxima semana começamos a distribuição das estampas esgotadas e que fizemos recomprir, enviando-as directamente às pessoas que no-las pediram.

Acontecimentos da semana

NO PAÍS:

ACTIVIDADES DA «M. P.» — Na «Casa da Mocidade» procedeu-se ao sorteio dos encontros do campeonato de futebol, que começa no próximo sábado a ser disputado por 18 equipas.

ATLETISMO — Os três clubes lisboetas que ultimamente se têm distinguido no trabalho de preparação de atletas, pretendem no último domingo organizar torneios para socios e simpatizantes. «Os Belenenses» e o Sporting levaram por diante os seus intentos, mas o Benfica optou por provas de torcosas.

As provas dos casais tiveram os seguintes vencedores: 30 metros, Alberto Coelho, 10 s. e 2/10; 250 metros, Feliciano Carrago, 52 s. 2/10; 700 metros, Fernando Silva, 2 m. 1 s. 5/10; 2.000 metros, Antonio Cruz; altura, Manuel Moreira, 1,50 metro; comprimento, Fernando Buição, 5,20; disco, Ladislau Martins, 28 m.; dardo, Ladislau Martins 31,50.

Os vencedores do torneio do Sporting foram: 30 metros, J. Duarte, 9 s. 7/10; 250 metros, José Coelho, 33 s. 5/10; 700 metros, Americo Silva, 1 m. 29 s.; 2.000 metros, Alberto Gomes, 6 m. 40 s.; peso, José Paulo Cardoso, 10,70 metros; disco, Aires do Oliveira, 33,72 metros; comprimento; José Paulo, 5,51 metros; altura, Filipe Paulo, 1,50 metros.

A prova de «Corta-matos dos encarnados», disputada por 15 corredores, forneceu os seguintes classificações: 1.º Manuel Reis, 6 m. 12 s. 6/10; 2.º Manuel Brigida, 7 m. 15 s. 8/10; 3.º José Almeida; 4.º José Alves; 5.º Valdemar Abreu; 6.º Luiz Gomes.

BASKETBALL — Os jogos disputados no domingo forneceram os seguintes resultados: *Divisão de Honra* — 2.ª categoria, Belenenses-Atlético, 34,25; Algos-Sporting, 25-32; Ligas-Caralde, 19-20; C. U. F.-Benfica, 24-20. 3.ª categoria, Belenenses-Atlético, 29-19; Algos-Sporting, 25-32; Ligas-Caralde, 29-21; C. U. F.-Benfica 28-25.

TENNIS — Por motivo do mau tempo foi mais uma vez adiado o começo dos torneios de «handicaps», promovidos pelo Sporting.

TENNIS DE MESA — Na final do torneio da «Taça Antivariário», «Os Combatentes» derrotou o Técnico por 9-0.

NO ESTRANGEIRO:

BOXING — O «boxeur» mexicano Manuel Ortiz, campeão mundial de leves, ganhou pela 13.ª vez o título, vencendo por «k. o.» técnico, ao 9.º assalto, o seu compatriota Luis Castillo.

ESQUÍ — Na assembleia geral da Federação Espanhola de Esquí, entre outras importantes resoluções tomadas figura a da escolha da Serra Nevada para a realização dos campeonatos nacionais de 1945, por alturas da Semana Santa.

FUTEBOL — Os encontros da penúltima jornada da Liga Argentina tiveram os seguintes resultados: San Lorenzo-Old Boys, 2-1; River Plate-Banfield, 8-1; Velez Sarfield-Independiente, 0-1; Laus-Platense, 3-1; Rosario-Boca Juniors, 2-2. A uma jornada do fim a classificação está algo indecisa. Os primeiros postos são ocupados por Boca Juniors, 41 pontos; River Plate, 42 p.; Estudiantes, 37 p.; San Lorenzo, 33.

— José Luis Borbolla, o jogador que recentemente passou por Lisboa, a caminho de Madrid e cuja estreia é aguardada com invulgarissimo interesse, apresentar-se-á pela primeira vez ao público num jogo amigável contra o Bétis, marcado para o dia 9 do próximo mês.

HIPISMO — Aos adeptos do hipismo de Madrid está reservada uma próxima temporada de corridas muito movimentada, pois ficou assente, pelo «Comité da Sociedade de Fomento», que de Abril a Junho se efectuem corridas durante todos os domingos, na «Rúa de seis provas por cada jornada».

TENNIS — A notável jogadora Felixa Prédorra, ganhou novamente o Campeonato Internacional de Buenos Aires, dotado com a taça «Napão», batendo na final a senhora de Weiss. Na prova estavam inscritas algumas jogadoras famosas, como Lili Alvarez (espanhola), Cilly Aussem (alemã), Anita Lirana (chilena) e Sara Cocke (sorte americana).

Desportos de bola

VOLLEYBALL — O Técnico e o Internacional na final da Taça «Stadium»

HANDBALL — O Belenenses e o Sporting finalistas dos Torneios de Abertura

Os jogos de «volley» marcados para domingo passado foram disputados no magnifico gymnásio do L. S. Técnico, porque a chuva tornara impraticável o campo do exterior. Há assim males que acabam em bem e a jornada teve maior interesse pelas condições particulares de que a revestiu a força imprevista das circunstâncias.

Nos três torneios em curso são já conhecidos os finalistas. Para o mais importante, aquele reservado aos grupos da «Divisão de Honra e que foi dotado pela Stadium» com a taça do seu nome, classificou-se por um lado o Internacional, sem ter conseguido jogar, e pelo outro o Técnico, com duas esmagadoras e significativas vitórias.

Depois do Parede, succumbiu no domingo ante os campeões a equipa do Benfica, por 15/0, 15/4. Não se julgue por estes números que os «encarnados» tenham desmerecido e hajam jogado muito abaixo do seu valor; defenderam-se com afinco, mas a exhibição do Técnico foi excepcional e é tão perfeita a organização do grupo que não se lhe consegue marcar pontos — e essa inutilidade de esforços influiu ao cabo de algum tempo sobre o moral dos adversários, eliminando do seu espirito a confiança nas suas possibilidades.

Para apuramento do antagonista do Futebol Benfica na final do Torneio da Primeira Divisão, defrontaram-se Ateneu e Olímpico e, ao contrário do que anunciaram quasi todos os jornais, ganhou o Olímpico por 15/13 e 15/5. Iguamental na primeira partida, que se decidiu nas últimas jogadas, pois a vantagem foi sempre do Ateneu, mas superioridade nítida do vencedor na segunda partida, na qual somou onze pontos nos dois serviços finais.

Para a competição de júniores, os rapazes do Sporting venceram os Belenenses por 15/3, 15/2 e ganharam assim o direito de enfrentar para decisão os «internacionais».

Completando o agradável programa, batearam-se, para desempate no campeonato respectivo, as segundas categorias do Futebol Benfica e do Olímpico de Portugal. Foi este o melhor dos quatro encontros, reñido e animoso, terminando pela vitória do segundo por 17/15, 9/15 e 21/6.

Os três encontros finais celebraram-se no domingo, no campo da Estrela, encorporados num festival do programa comemorativo do Clube Internacional de Futebol, prevendo-se a

hipótese de tempo invernosso de chuva com a transferência dos jogos para o gymnásio do Instituto Superior Técnico.

O encerramento da temporada deve ficar assinalado por uma sessão para distribuição de prémios aos campeões e vencedores de torneios, à qual presidirá o sr. Director Geral de Desportos, pronunciando uma palestra sobre a modalidade o nosso presado camarada dr. Salazar Carreira.

A penúltima jornada dos Torneios de Abertura da Associação de Handball não correspondeu à expectativa dos organizadores e do público. Graves consequências envolvem os incidentes que a mancharam, afectando o indispensável respeito pela disciplina e pondo uma vez mais em foco o espirito irrequieto de alguns jogadores, que anulam as virtudes da sua real classe desportiva com os frequentes exageros de procedimento, que por vezes — como agora — contagiavam alguns dos próprios companheiros.

O Sporting derrotou o Benfica, nas duas categorias, respectivamente por 6-1 e 11-3 em primeira e segunda categoria. Boas exhibições, luta entusiástica mas correcta e que se adapta bem ao resultado.

Tomás deu nova prova da sua boa condição actual e o jovem médio-centro da equipa leonina, um sobrinho do antigo futebolista do clube, José Leandro, continua a afirmar as suas pouco vulgares faculdades, razão essencial dos rápidos e prometedores progressos, que no domingo comprometeram com repreensível procedimento.

O encontro do Belenenses com «Os Treze» já estava estragado ao intervalo, com cinco homens expulsos do terreno pelo árbitro, sendo quatro «trezistas» e um dos «azuis».

Precisamos os jogadores de convencer-se de que apenas ao árbitro assiste o direito de aplicar justiça no campo; os gestos de revindita, as revoltas e as atitudes de indisciplina que affectam gravemente o desportivismo de quem a elas se entrega, devem sofrer severissimo castigo, como exemplo que impeça em definitivo cenas indecorosas — que na organica actual do desporto se não podem admitir.

O que se passou no campo de S. Vicente, traduzindo solidariedade com um companheiro de equipa que incontestavelmente prevaricara, foi um espectáculo comprometedor do prestigio da modalidade e que coloca os dirigentes em situação melindrosa.

JOSÉ DE EÇA.

«Curso de Ciclistas»

Por absoluta falta de espaço temos de guardar para o proximo numero a referencia a ultima lição deste «Curso» promovido pela Stadium.

A nova sessão effectua-se amanhã, quinta-feira, na sede da Federação de Ciclismo.

FORA DO SEU AMBIENTE...

(Continuação da página 4)

Souza, Guilher e Anjos, lamentam-se. Dizem a uma: «Não merecíamos o resultado. Aquelle «goal» de Franco foi limpo e em qualquer parte do mundo seria um texto de se lhe tirar o chapéu...»

Mas todos pensaram assim, já então estava desolado. A grande penalidade que fallou deixou-o mal disposto. Afirma:

«Parei mal o terreno, escurrido, e poucas vezes conseguí manter-me de pé. Com o terreno seco, serviu zum dúbida mais feliz. Paciência...»

Diz agora o Lippo: — Não se frane que jogámos bem. O F. C. do Porto não demonstrou ainda o que vale no actual momento. Tenho a impressão de que o fard ainda este ano. O Assaio desmoralizou com um «penalty» que não lhe costuma fallar e aquelle «goal», aquelle «goal»...

Pronto. Toda a equipa se reúne outra vez — para jantar. Novos e velhos, envolvidos nas mesmas aspirações, entraram no dominio dos projectos. Já se fazem contos...

— Pode ser que as coisas tenham a correr melhor — diz o director dos portuenses, o sr. Augusto Gouveia. E agora, rapazes — vamos a pensar no dia de amanhã... E é que pensaram mesmo?...

RODRIGUES TELES

PODE ESCANHOAR-SE A VONTADE



Se usar creme OATINE, o creme que contém LANOLINA, — de excellentes propriedades suavizantes por isso a cutis fica aveludada e com uma agradabilissima sensação de bem estar.

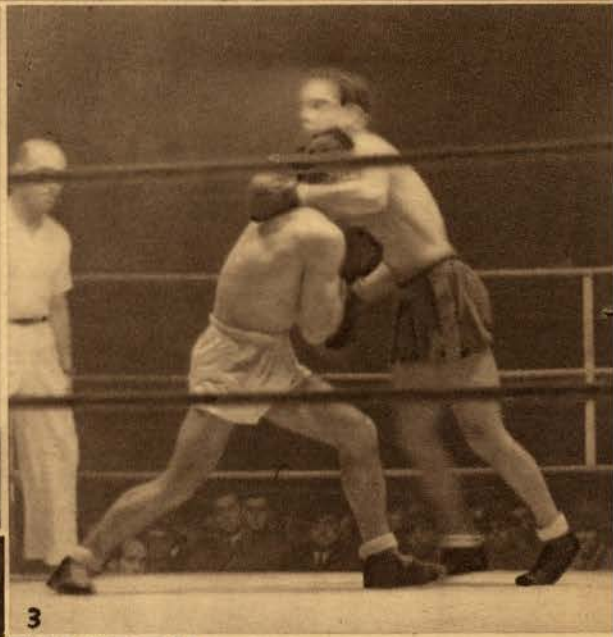
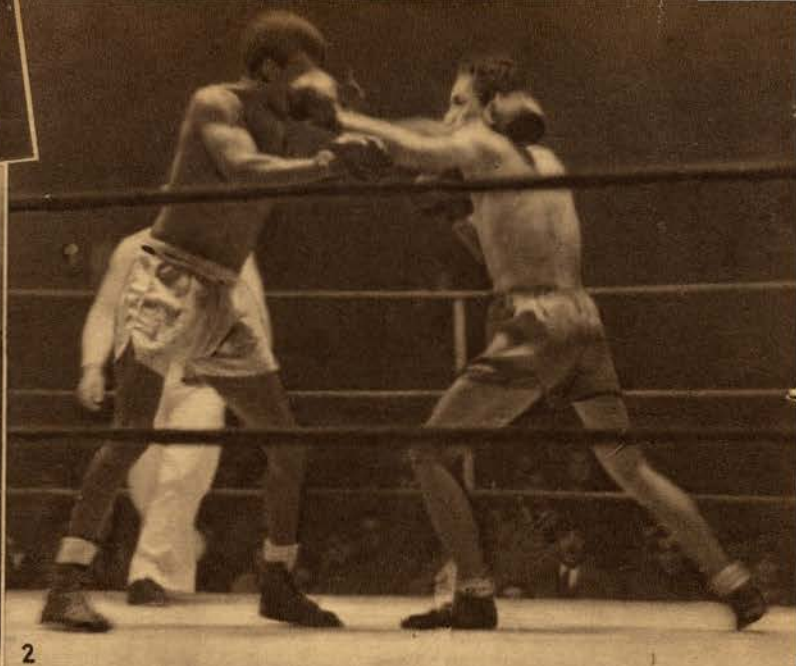
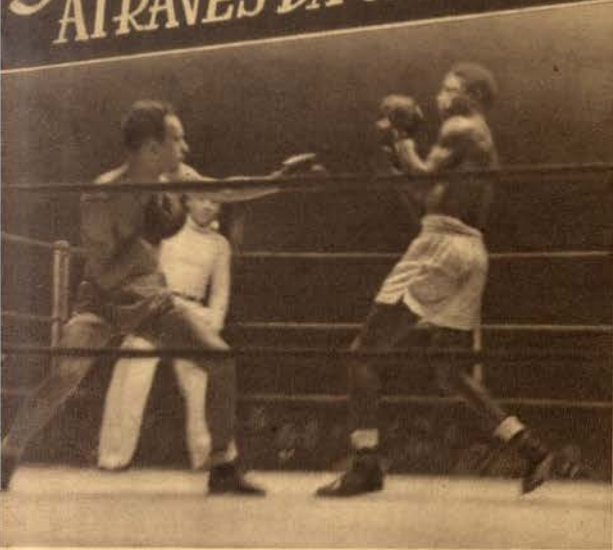
OATINE

Loção para DEPOIS de barbear,
Produtos de beleza
Perfumarias de fama Mundial
A VENDA NAS BOAS CASAS

Gimnástica e desporto no Futebol Benfica

Na secretaria do Clube Futebol Benfica está aberta a inscrição para as classes de gimnástica, que serão ministradas pelo professor João de Moura e Sá. Igualmente são recebidas as inscrições dos socios e simpatizantes do clube que o queiram representar em futebol (júniores e «chockey») em campo, cujos treinos se effectuam no campo «Francisco Lázaro».

A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



Chaves de todos os modelos

Perdeu-as? Partiram-se? Roubaram-lhas? — mande fazer outras na

CASA DAS CHAVES

de

Amadeu Gomes da Fonseca

R. do Mourão, 3 (Frente ao Cinema) Tel. 25050



UM RECORDE BATIDO!...

Não é somente em matéria de desporto que se batem recordes!... Por hábito compram-se hoje muitas utilidades a prestações — mas com aumento de preço... — e constitui na realidade um recorde saber-se que a Alfaiataria J. C. MOURA, na Rua da Atalaia, 145, faz dessas transacções sem qualquer aumento de preço. Se V. Ex.ª tiver casa sua não é preciso fiador para adquirir um bom fato, sobretudo ou gabardine, assim como confecções de senhora em género «tailleur». Note bem, nesta casa encontrará V. Ex.ª maior perfeição e não paga luxo.

EM LISBOA — A última sessão de boxe: 1 e 2 — Aspectos colhidos no combate Wilson-G. Martins; 3 — Fase da luta entre R. Oliveira e A. Mateus. NO PORTO — Os campeonatos regionais de tiro de guerra: 4 — José Antunes Guimarães, da S. T. 43, vencedor em pistola; 5 — Carlos Botelho Machado, também da S. T. 43, que triunfou em carabina. — No campeonato de handball: 6 — Fase do jogo Académico-F. C. Porto, o melhor encontro da 1.ª jornada

VALADAS

O NOSSO MAIS FAMOSO "PÉ ESQUERDO,"
VAI ABANDONAR O FUTEBOL

NO próximo dia 1 de Dezembro o campo do Sport Lisboa e Benfica vai registar um acontecimento de significado especial. Nessa tarde, no decorrer de uma festa desportiva, Alfredo Valadas abandona a actividade de jogador de futebol. É mais um elemento que cede o lugar aos novos, após magnífica presença ao desporto, durante a qual o seu nome se popularizou. Mas Valadas não deixa a prática do popular jogo em declínio de forma. O seu comportamento em campo valorizava ainda o conjunto de um «team». Quere, no entanto, «sair» — enquanto é desejado... E termina a sua carreira da melhor forma: campeão, tal como no primeiro ano que jogou pelo Benfica e conquistou o Campeonato de Portugal.

Alfredo Valadas completou 14 anos de jogador de futebol, durante os quais se notabilizou pela sua excelente compleição física e pelo seu poderoso pontapé esquerdo, apreciado por técnicos nacionais e estrangeiros e que constituía uma espécie de terror para os guardas-rédes. Valadas, em frente das balizas e com a bola nos pés, foi sempre um caso sério!...

Os primeiros pontapés deu-os em Beja. Esteve no Sporting, voltou para aquela cidade e de lá veio depois para o Benfica. Tornou-se benfiquista de alma e coração.

Jogador correcto, Alfredo Valadas regista uma das mais brilhantes carreiras dos nossos jogadores de futebol, quer envergando a camisola rubra do Benfica ou a das «quinas» do «team» nacional. A sua magnífica actividade futebolística foi premiada com admiráveis tardes de glória desportiva, no decorrer das quais conquistou brilhantes títulos de campeão.

Valadas regista ainda inúmeras selecções, tanto no «team» nacional como no de Lisboa. Sete vezes foi internacional — quatro vezes contra a Espanha, Hungria e Jugoslávia. Como suplente, Valadas se «panhou» a turma nacional à Alemanha, a Itália e à Hungria. As selecções de Lisboa incluíram quasi sempre o seu nome.

Mas Valadas, embora a sua resolução em abandonar a bola seja inabalável, não quer passar a ser sim-les espectador do jogo em que colheu justa fama. Deseja continuar a servir o Benfica, e, assim, dispõe-se a treinar os juniores do seu clube, tornando-se um pro-activo auxiliar de Biri.

É que — segundo a opinião de Valadas — quando se é uma vez verdadeiramente Benfica, não se pode ser mais nada — e tem de se continuar a servir o clube, com a mesma dedicada admiração de todos os dias, em todas as ocasiões.

Alfredo Valadas teve a amabilidade de nos visitar. Veio trazer-nos um abraço de simpatia e honrar as páginas da nossa revista com um autógrafa que publicamos e no qual se despede, por nosso intermédio, do público da bola, dos seus companheiros de desporto e dos dirigentes.

Conversámos um pouco com Valadas. Pedimos-lhe que nos falasse da chamada «alma benfiquista». Melhor do que os entusiasmos da multidão, por certo «sentiu» esse ambiente especial que o popular clube nos oferece.

— É que no Benfica «vive-se» mais o clube. Parece que a dedicação daquela grande massa associativa se converte numa fé. A história do meu clube tem por base este pormento valioso. Mas, no entanto, não deixo de recordar os grandes tempos antigos... Essa camaradagem de outrora evoca-a com saudade. Não quero dizer que ela não exista, mas já não é... o que era antigamente... Que me desculpe a massa associativa do clube, a quem neste momento me dirijo — e faço-o com sinceridade, esperando que sócios e jogadores voltem novamente a unir-se numa fraternidade e união de pensamento benfiquista como aquela que foi apanágio dos antigos.

— Considera-se bem substituído no «team»?
— Os dois jogadores que têm estado a desempenhar o meu lugar, Manuel da Costa e Rogério, são habilitados e fico de facto bem substituído. Não se esqueçam, porém, que os sócios do clube, por serem verdadeiros amigos do Benfica, exigem do jogador muito mais, talvez mais do que em qualquer outro clube. É que quem joga no Benfica... «joga no Benfica»!

Segundo o já referido por Valadas noutras entrevistas, o conhecido jogador disputou 420 encontros e marcou 300 «goals». Distes 300 tentos, despatchados no momento precioso de «goals», quantos teriam sido feitos com o seu famoso pé esquerdo?

Valadas sorri. Concentra-se um pouco e assegura-nos:
— Dos meus 300 «goals» posso dar a certeza de que só uns vinte não foram executados com a esquerda!...

— Qual foi o seu grande desejo de futebolista?
— O le que, quanto obtivéssemos a primeira vitória com a Espanha, eu aliahasse na selecção...

E satisfez o meu maior desejo. Em Vigo ganhámos por 2-1, fazendo eu o «goal» da vitória.

— Choros algumas vezes por causa do futebol?...

— Várias vezes — mas sempre de emoção... É que é difícil conterem-se as lágrimas quando conseguimos aquela vi-



tória absolutamente decisiva para um campeonato. A multidão que assiste ao jogo não sabe como é comovente o que se passa nesses momentos na cabine onde se instala a equipa do Benfica. Nunca me hei-de esquecer da primeira vez que ganhámos ao Porto, na Constituição...
— E... riu também muitas vezes?...

— Sempre que obtive uma vitória para o meu clube nunca escondi a alegria. Oxalá os que ficam defendendo a prestigiosa camisola do Benfica saiam sempre do campo com o riso saudável da vitória!

A festa de despedida do popular jogador vai efectuar-se depois de amanhã e será a significativa consagração do jogador que inscreveu com brilhantismo o seu nome na história do futebol nacional.

Fernando Sá

*Seo publico do portivo
do pais, em especial ao
da capital, e a todos os
dirigentes e jogadores, a-
passado, por intermédio
do "Stadium" e em mo-
mento da minha retirada,
as mais cordiais sauda-
ções, em ardentese votos
pelo progresso do futebol
nacional.*

29/11/44

Alfredo Valadas



Valadas na redacção do Stadium, escrevendo o autógrafa que publicamos.

Stadium

na Capital do Norte

FUTEBOL

O campeonato regional

Apontamentos e comentários

A maneira como se vão apresentar os clubes representativos da Associação de Futebol do Porto ao campeonato nacional da 1.ª divisão não merece aqui a confiança com a qual, ainda há poucos anos, se encarava o comportamento de representantes portugueses.

Joga-se mesmo, indubitavelmente. Ainda não voltaram aqueles tempos em que a desidia no terreno, por parte dos clubes da cidade, era olhada através de optimismo sem exageros, consequência de certa plenitude de forma e de uma actuação perfeita, por parte dos elementos que constituíam as suas equipas. Hoje, mau grado toda a nossa vontade, e até—porque não diz-lo?—toda a esperteza de barbaresco, temos de confessar que o distrito do Porto vai ao Campeonato Nacional com uma representação diminuída de todas as possibilidades de obter um bom lugar na tabela da classificação geral do torneio máximo.

O F. C. do Porto, campo por avançar, está longe de ser o que os bons aficionados se habituaram a considerar. Valha a verdade, porém, que não deve chegar-se à conclusão de que o seu comportamento seja pobre em relação aos outros grupos da provincia, e até mesmo a alguns da capital. Pode até aceitar-se sem esforço que o F. C. do Porto deve, no campeonato que acaba de iniciar-se, ocupar uma posição condescendente, até certo ponto, em categoria do nível desportivo que representa. Se é certo que não pensamos num triunfo absoluto para as cores do nosso campeão, também não vamos até ao ponto de acreditar que ele abata bandeiras diante da maior parte dos seus antagonistas. Os homens do grupo azul-branco dispõem de regular habilidade, temate razoável e poder de penetração. Se o sentido de equipa não está em expoente elevado, não menos certo é que o espirito de conjunto se tem evidenciado mais nos últimos jogos, em alguns dos quais se deram ao luxo de facilitar a acção dos adversários através de grandes prejuízos, mesmo considerando os empates que concedem.

Analisando o desempenho das suas linhas, verifica-se que o sector defensivo possui elementos de valor; na linha média, o reforço de Octaviano veio trazer confiança e até mesmo certa redução na difícil tarefa que cabe ao seu nível médio centro—inexperiente em jogos da responsabilidade dos que se avizinham, mas tendo a apoio—o conhecimento e a técnica dos dois alas, jogadores com larga presença nos torneios federativos da 1.ª divisão; no ataque, a acção de Correia Dias, Fluga e Araújo está bem firmada nos extremos, nos quais se apresentará Franco, um jogador de promissor concurso, em breve de o cuidado de o aproveitarem com consciência.

No entanto, há que tomar em linha de conta os imponderáveis, ou melhor dizendo, os imprevistos, como castigos, lesões ou outras coisas que afastam os jogadores. Mesmo assim, porém, acreditamos que o F. C. do Porto deve, por direito e por dever—relativamente, está claro—dar boa conta de si no campeonato que começou há dias.

Já as previsões sobre o Salgueiros—o 2.º classificado—são menos precisas, por serem baseadas nas possibilidades e mais assentes na realidade. O Salgueiros não é um grupo de toda definida regular, que jogue o futebol como deve ser. É adversário ardoroso, combativo, capaz de lutar destemidamente na defesa das suas cores. Talvez não venha a sentir tanto como na época finda o ambiente do torneio em que ingressa pela segunda vez consecutiva. Se é certo que possui elementos de reconhecido valor, se é verdade que alguns dos seus sectores são capazes de dar boa réplica ao adversário, também não é menos verdade que não desenvolve jogo uniforme, subtil, aquêle jogo de toques e de passes, que, além de agradável de ver, é atributo de quem conhece e sabe como deve jogar futebol.

Até certo ponto, como já dissemos, supra essa lacuna pela maneira, como joga, voluntariedade, combatividade e calma que é já tradicional entre nós. Não lhe reconhecemos possibilidades para largos vãos, mas é certo que tem meios para obter mais do que o último lugar na classificação. A sua linha de defesa—quando a jogar como gente grande—deve causar muitos aborrecimentos aos ataques que a desfontem.

Reverendo, rapidamente, a actuação dos restantes quatro clubes da 1.ª divisão regional, vemos que o Boavista, ao qual a sorte, auxiliada por benefícios estranhos, arredou de um lugar que merecia por direito antigo, tem de cumprir a sua quasi primorosa forma de jogar—o Boavista é o clube que melhor futebol exhibe nesta cidade—com a cautela dos pés dos seus diestros. Enquanto os seus avançados não souberem «chutar» de qualquer forma e em qualquer posição, sem perderem tempo a mudar o pé ou a agitar a bola, o grupo não conseguirá o seu objectivo: ir à divisão nacional.

E é pena, de facto, pois estamos convencidos de que o Boavista deveria ser um «segundo» mais regular para acompanhar o nosso campeão. Possui um conjunto combativo, de sectores inter-ligados, mais relativamente frágil.

O Leça e o Leixões constituem o «duo» da beira-mar. Aquêles melhor do que este. Quem viu jogar o Leixões de há épocas atrás e o vê agora, fica surpreso com a desidia registada. É menos do que uma «sombra!» O Leça teve, porém, a inteligência de saber escapar a tempo dos lugares inferiores da escala, e assim pôde enfrentar o Boavista, no seu último jogo, com certa serenidade. São, repetimos, pálios reflexos do seu valor de outros dias.

O Académico, o derradeiro, continua sendo «incógnita» do futebol português. Não se compreende como este clube, dispondo de um grupo de jogadores de relativo valor, pôde chegar ao fim do campeonato numa grau de inferioridade como o que se registou.

É delto o melhor campo de futebol da cidade e reúne um conjunto de possibilidades que lhe garantem, teoricamente, uma boa posição. Mas, nem se sabe porque, não consegue dar boa conta de si.

Tem, apenas, um meio para vencer, a luta com o campeão da 2.ª divisão. Todos os outros se safarão deste escolho. Poderá tornar esta dificuldade? É caso de excepcional gravidade. No entanto, quasi podemos aventar que se o Académico for relegado para a 2.ª divisão, será o fim do futebol no clube do Lima!

O assunto é extremamente melindroso e deve constituir agora a principal preocupação dos dirigentes do clube de Costa Cabral.

MÁRIO AFONSO

Na 2.ª Divisão, Vilanovense ou Ramaldense?

Terminou a primeira «fase» do campeonato da 2.ª Divisão. Vilanovense (série B) e Ramaldense (série A) vão agora decidir o título, em dois jogos, que devem ficar memoráveis. Sobre as possibilidades de cada um é difícil fazer prognósticos, pois tanto os galenses como os ramaldenses têm feito, nas suas séries, carreiras brilhantes e sem derrotas.

Aguardemos os acontecimentos...

As exhibições do Ermesinde na 3.ª Divisão

Pode considerar-se verdadeiramente sensacional e brilhante a actuação do Ermesinde S. C. no campeonato da 3.ª Divisão, onde se apresentou este ano pela primeira vez. Os «promocionistas» não apenas ganharam a primeira volta—sem derrotas e sem empates, com 6 vitórias (21 golos contra) e com o título quasi assegurado. Bonita carreira para quem começa e prêmio merecido para os seus incansáveis dirigentes e jogadores, que têm sido de grande dedicação clubista. Depois, o time tem-se exibido com muito acerto e mostra francas possibilidades de figurar já na próxima época entre os da 2.ª Divisão.

É isto «constituir», se assim succeder, proeza inédita e valorosa. Um bravo aos jogadores do Ermesinde.

AS TAÇAS "JOAQUIM MOREIRA JÚNIOR", "Dr. Salazar Carreira" e "Roberto Machado"

premiarão, respectivamente, os vencedores da prova de «corta-mato», do torneio de «volleyball» e do torneio de atletismo puro

organizações da STADIUM em favor do desporto português

SEGUEM pelo melhor caminho os preparativos que se estão a fazer para que as anunciadas organizações da STADIUM, em favor do desporto português, produzam espantosos movimentos e de exuberante brilhantismo. E para que assim seja, na verdade, não nos têm faltado palavras de aplauso e ofertas de valiosa colaboração, que nos chegam a todo o momento, quer dos clubes, quer das Associações Regionais de Atletismo e de «Volley»—as duas modalidades que a nossa iniciativa vai movimentar.

Ainda na semana passada, durante uma reunião que teve lugar na sede da A. P. A., o nosso estimado camarada Eduardo Soares teve ocasião de informar os delegados dos clubes filiados naquele organismo das bases principais a que obedece o regulamento da prova de «corta-mato»—bases essas que mereceram a aprovação e o aplauso geral. Como se tem dito, esta nossa série de organizações para 1914 terá o seu início no dia 7 de Janeiro, data em que se disputará a prova de «corta-mato». A inscrição para esta corrida, aberta aos clubes filiados na A. P. A. e aos atletas de todas as categorias, deve fazer-se de 15 a 31 de Dezembro e será absolutamente gratuita.

Disputar-se-á a taça «Joaquim Moreira Júnior», em homenagem ao antigo campeão do F. C. do Porto e dedicado dirigente, a quem a especialidade, no Norte, muito deve. O referido torneio será entregue ao clube que melhor classifica dez dos seus atletas. Aos seis primeiros da classificação geral serão atribuídas medalhas.

O percurso, tendo em conta que a prova concorre atletas de todas as categorias e que entre nós não existe ainda um lote de corredores de «corta-mato» capás, devida à «série» por que a modalidade passou—será de 2,500 metros, e terá por cenário o campo das Cavadas, gentilmente cedido à nossa revista pelo Estrela Vigorosa Sport.

Depois desta organização teremos, na segunda quinzena de Janeiro, o Torneio de «Volleyball», no qual se disputará a taça «Dr. Salazar Carreira»—nosso querido camarada e trabalhador insatável inspector de Desportos e desportista a quem a modalidade referida deve muitíssimo.

Por último, no primeiro domingo de Maio, a fechar esta nossa série de iniciativas, teremos o Torneio de Atletismo Puro, na pista do Lima, em que estará em jogo e troféu «Roberto Machado», nossa homenagem ao técnico n.º 1 do atletismo português.

Em síntese, três organizações da STADIUM que mais um pouco vão movimentar o desporto português!

A figura da semana

Guilhermino Sárrea

O nosso «focado» de hoje pertence ao número daqueles —infelizmente deminuto...—que souberam grangear simpatias gerais do público, dos colegas de equipa e dos próprios adversários, não só pelas suas qualidades de execução técnica, mas também, e sobretudo, pelo seu trato de verdadeiro desportista. Pode dizer-se, sem sombra de exagero, que Guilhermino Sárrea é um dos mais correctos jogadores do futebol português!

Desperdiçando energia a rôdas na defesa da camisola que enverga, batalhando com entusiasmo do primeiro ao último minuto da partida, Sárrea não deixa nunca de cumprir a sua missão, em todos os pormenores. Por isso, a sua «figura» merece apreço justificado.

Primeiro no Vianense—agremiação da sua terra natal—onde teve lugar de relêvo no pósto de guarda-redes, e depois no Leixões e no F. C. do Porto, onde se encontra presentemente, as suas exhibições têm merecido sempre comentários agradáveis—e justos.

No F. C. do Porto já passou por todos os lugares do team de honra... E isto, se demonstra o «poder» de adaptação das suas qualidades a qualquer pósto, põe em foco, por outro lado, o seu espirito de disciplina e de obediência às ordens dos orientadores. Diga-se, porém, em abono da verdade, que estes não têm sido felizes—mais: que lhe têm prejudicado a sua carreira de futebolista, a qual, embora brilhante, mais saliente poderia haver sido.

Hoje, Guilhermino Sárrea está fixado num novo lugar—o de defesa das reservas do F. C. do Porto. Mas não é de estranhar

O Estádio do F. C. do Porto

CONSTITUIU verdadeiro êxito jornalístico a notícia que demos no nosso último número, em primeira mão, sobre o Estádio do F. C. do Porto. Embora haja ainda a utilizar certo pormenor, que não seria justo divulgar, sobre o mesmo, finalmente, o Estádio do F. C. do Porto será uma maravilhosa realidade dentro de muito pouco tempo—talvez menos de duas épocas! E por isto, os esportistas, e os portugueses em geral, estão de parabéns.

Visão do terreno no qual as novas instalações do clube azul-branco, fica situado entre a avenida dos Combatentes e o Monte Aventureiro, servido pela linha de electricos n.º 15.

Em primeira mão, também, a STADIUM informa os seus leitores da existência de um auto-projecto—com o qual o seu autor, o Sr. Pereira, um distinto architecto, defendeu tese—para a grandiosa obra em causa, ao qual se falta a aprovação das entidades oficiais competentes. Mas, nas linhas gerais, o Estádio do F. C. do Porto comportará em duas bancadas cobertas—que ficam situadas vis-a-vis o terreno no qual a lotação total de cerca de 50.000 pessoas. O público terá entrada por sete largos portões; ao principal será dado elevado cunho artistico e aspecto monumental.

Nada faltará para as instalações fiquem como das melhores, se não a medida do género. Para o campo de futebol, previsto, para ser também utilizado pelo «handball» e pelo «hochey»; pista de ciclismo, com 500 metros de corda; pista de atletismo, para 6 corredores, com 400 metros de corda; dois courts para «tenis»; pista de patinagem; parque infantil; campos de «basquetball» e de «volley»; piscina com torre para saltos; secretaria; parque para estacionamento de automóveis; dependências para estagios ou para ligeiros períodos de repouso dos praticantes—estas absolutamente isoladas; vestiários; consultorio medico, etc.

(Continua na página seguinte)

se amanhã o virmos como médio do team de honra...

Seja como for, as suas actuações solentam-se sempre, pelo entusiasmo que põe na luta e pela correção de atitudes.

Guilhermino Sárrea foi também um bom atleta—chegou mesmo a recordman nacional da estafeta 3 x 3000. O futebol, porém, apaixonou-o mais...

Resumindo: por todos as suas admiráveis qualidades, Guilhermino Sárrea é um exemplo do verdadeiro desportista.

OS VINTE E DOIS ANOS DO MARIA PIA SPORT CLUBE

Foi há vinte e dois anos — completos precisamente depois de amanhã — que se fundou o Maria Pia Sport Clube. O desejo de se constituir uma agremiação exclusivamente destinada aos ex-alunos da Escola Profissional Maria Pia vinha de longe. Inicialmente, obedecendo a natural sentido agremiativo, formou-se uma banda. Foi o primeiro passo. Mais tarde, a 1 de Dezembro de 1922, fundou-se oficialmente o Maria Pia Sport Clube, alargando ao desporto o âmbito das suas actividades, tal como o Casa Pia Atlético Clube.

Mas iam mais longe os intentos da novel agremiação; acima de tudo, o Maria Pia propunha-se continuar — e aumentar, até — os laços de amizade e de camaradagem iniciados na Escola. Tinha, pois, em seus intuitos sociais de largo alcance. Manda a verdade dizer que nem sempre o Maria Pia pôde transformar em realidade os seus melhores desejos. Mas não podemos de modo algum esquecer o belo contributo que tem dado, em anos sucessivos, à causa desportiva. A luta, o tennnis de mesa, a natação, o «water-polo» e a ginástica devem-lhe belos serviços, debaixo de vários pontos de vista. É sempre grato registrar-se que foi o Maria Pia o segundo clube do país a apresentar uma classe de ginástica feminina, sob as ordens do seu dedicado professor Aníbal Ramor.

Mas numa breve resenha sobre o Maria Pia impossível é esquecer, também, o nome de Cunha Martins — seu fundador e dedicado servidor de sempre. E porque é nos momentos difíceis que as verdadeiras dedicações vêm à superfície, foi justamente quando o Maria Pia atravessou grave período da crise que a dedicação de Cunha Martins mais se fez sentir. Nessa altura, pode afirmar-se sem sombra de exagero que Cunha Martins era o Maria Pia. E o Maria Pia triunfou. Venceu a crise. Passou então a dedicar ao «basket» o melhor da sua atenção, tendo os seus jogadores atingido boa classe.

Vivendo com mais desalago, progredindo, desenvolvendo-se, o Maria Pia vai para um ano que introduziu magníficos melhoramentos na sua sede, no desejo constante de se valorizar dia a dia.

Stadium, que conta no número das seus amigos as mais representativas figuras da colectividade da rua de S. Genes, expressa-lhe as suas felicitações, com votos de muitas prosperidades.

O Clube Internacional de Futebol

vai comemorar o 42.º aniversário

QUANDO no decorrer de toda a actividade desportiva Portuguesa tem-se nos referir ao Clube Internacional de Futebol, fazemo-lo com carinhosa simpatia. É que o C. I. F. manteve, através de todas as modificações por que tem passado o desporto nacional, uma personalidade que o impõe e lhe dá categoria especial.

Sem poder chegar à popularidade de outras colectividades, porque as suas directrizes de elemento dedicado paramente ao desporto não consentiam que emverdasse por certos aspectos que rodeiam a vida dos grandes clubes, o C. I. F. fixou-se sempre no seu tema de estudo pelo desporto, a bem do verdadeiro ideal desportivo.

O Clube vai comemorar mais um aniversário, o 42.º, fazendo fluir ao lado do seu estandarte a fâmula de propagandista daquele grande ideal: contribuir para o revigorecimento do desporto amador.

O aniversário do C. I. F. vai ser comemorado com um programa no qual, além de um banquete de confraternização e de uma sessão solene, haverá exhibições das suas classes de ginástica e a disputa de encontros de tennnis, «volleyball», «handball», «tennis» de mesa e «basketball».

IMPRENSA

«A VOZ DESPORTIVA»

comemorou o seu 15.º aniversário

Compreta, por marca possivel de relevo no desporto nacional, tem o jornal desportivo, a «Voz Desportiva», que é o porta-voz do desporto da nobre cidade universalitária e da sua região. Dirige-o o nosso querido amigo dr. Amadeu Rodrigues, rodeado de um grupo de dedicados colaboradores, mantendo por forma elevada, com prestigio e interesse, o simpático jornal — que comemora agora o 15.º aniversário.

«Stadium» felicita com prazer o seu colega «A Voz Desportiva», com sinceros votos de que o possa fazer em muitas mais destas festas festivas.

ACADEMIA NACIONAL DE RÁDIO Aprenda rádio por correspondência
 Peca folhetos grátis à Academia Nacional de Rádio.
 Avenida Dr. Manuel Larangeira, 12
PÓRTO

Stadium Capital do Norte

(Continuação da página anterior)

Por menor curioso: todos estes locais terão comunicação entre si por galerias subterrâneas, que passam provavelmente despercebidas do público. Isto é; será possível percorrer todas as instalações do Estádio através das referidas galerias.

Pode dizer-se, na hipótese deste ante-projecto ser aprovado pelas autoridades oficiais — como se espera — que o Estádio do F. C. do Porto ficará qualquer coisa de monumental e de muito honroso para a cidade.

ATLETISMO

O programa para a época de inverno e a posse dos membros do Conselho Técnico

OS dinâmicos dirigentes da A. P. A., a quem o atletismo portuense muito ficou devendo pelo seu trabalho na época finda, entraram já em franca actividade, com vistas ao próximo ano. Assim, não só officiaram a todos os clubes — praticantes ou não de atletismo — convidando-os à sua filiação naquele organismo, como também os retrainam para troca de impressões sobre a próxima temporada de inverno. A todos os títulos esta iniciativa foi proveitosa e demonstrou, sobretudo, o interesse daqueles dirigentes pela modalidade que orientam.

Estiveram presentes os delegados dos clubes mais representativos, aos quais o secretário-geral da A. P. A., sr. Fonseca Bastos, leu o projecto para o programa de provas de inverno, atlelas para as revelarem, por um lado, a boa vontade do quem o elaborou, encerra, por outro, deficiências técnicas e de ordem geral. É preciso não esquecer que entre nós não se pratica o «corta-matos» e a corrida em estrada há mais de dois anos e que, portanto, os clubes não dispõem de população praticante capaz de suportar qualquer programa. Isto é; os clubes entram agora num trabalho de «verdadeira criação» — e esta tem de ser feita com tempo e cautelosamente. Que se ocupem todos os domingos de inverno e que se varie de local de provas para melhor propaganda da modalidade — achamos bem. Mas pensar em levar a efeito provas de 30 quilómetros, por exemplo, parece-nos menos acertado, pois o nosso meio não possui, de momento, atlelas para as disputarem.

E tanto são razoáveis estes nossos ligeiros comentários, que os delegados dos clubes não acilaram o projecto apresentado. Um deles — o do F. C. do Porto — teve mesmo alguns judiciosos comentários sobre o assunto.

Ficou então resolvido que até ao fim de Novembro os clubes indiquem o número de provas particulares que pretendem organizar, para as depois o Conselho Técnico da A. P. A. retrain e elaborar, em definitivo, o programa de inverno.

Pelo presidente da Assembléa geral da A. P. A., sr. António Figueiredo, foram empossados, nos cargos do Conselho Técnico daquele organismo, os srs. enx.º Almeida Freire, presidente; Eduardo Soares, secretário; e dr. Leonardo Reis, relator.

Num significativo improviso, António Figueiredo exaltou as qualidades dos empossados.

Notas da semana

A A. C. M. em festa

No próxima sexta-feira, a Associação Cristã da Mocidade completa 50 anos de existência. Destes, muitos têm sido dedicados à propaganda da causa desportiva, através das suas secções de «basketball», «tennis» de mesa, natação e ginástica, tendo sido a introduzida do primeiro e do «volleyball».

Em regra puramente amador, os seus atletas recebem ensinamentos de técnicos de apurados conhecimentos e inteligente critério. António Brito Júnior, Alberto Guimarães e Manuel de Barros são, actualmente os dirigentes das secções de ginástica, natação e «tennis» de mesa, respectivamente.

Reconhecendo os largos benefícios que a A. C. M. tem proporcionado à causa da educação física da nossa mocidade, associamo-nos nos cumprimentos dirigidos a esta simpática instituição.

Os 50 anos do Sporting de Espinho

Com um programa que ocupou alguns dias do corrente mês, o Sporting Clube de Espinho comemorou 50 anos de vida desportiva. Na sessão solene realizada há dias foi prestada condigna homenagem ao sr. Silvério Vaz, professor de educação física e dedicado acção da colectividade. Pela Câmara Municipal de Espinho foi-lhe concedida a medalha de «Mérito», insigne que o próprio presidente da municipalidade lhe colocou no peito.

O «handball» em acção

Começou no passado domingo o campeonato regional de «handball» portuense. Na 1.ª divisão encontram-se 9 clubes, em consequência de ser mantido o Sport na mesma, em virtude de uma decisão da assembléa geral. Há grande expectativa nos próximos encontros, assim de aquilatar dos resultados de algumas modificações suscitadas nos quadros de certos concorrentes.

Capitão Marques Pereira

Esteve nesta cidade, em visita de inspeção aos centros de especialidade de educação física do M. P. o sr. capitão Celestino Marques Pereira, director dos

EFFECTUA-SE EM SINTRA

O I Concurso Nacional de Pesca Desportiva

A pesca desportiva, agora com actividade oficialmente orientada, valoriza-se e atinge merecida categoria. Não se trata de desporto desconhecido. Pelo contrário a pesca tem entre nós muitos adeptos. Isoladamente são centenas as pessoas que experimentam o prazer de apanhar um peixe. Os nossos avós tinham na sua predilecção especial pela pesca, a que lhes chamavam agradável entretenimento, não percebendo que praticavam um interessante desporto. Mas não se julgue que esta modalidade é própria de «ociosos». Os milhares de pessoas que assistiram ao magnifico espectáculo da inauguração do Estádio Nacional viram, no decorrer de desfile de desportistas, o grupo formado pelos da pesca desportiva — duas equipas, uma de senhoras e outra de homens, em apresentação inédita e devesas interessante.

Os pescadores desportivos de Portugal apresentaram-se pela primeira vez em publico, dando-nos a conhecer esta nova organização, cuja actividade principal se iniciou em Sintra, mercê de um grupo entusiasta de adeptos da pesca.

A propaganda desses pescadores desportivos foi acolhida com interesse e curiosidade e pouco tempo depois aumentava o número dos que, de casa ao ombro, deixam até ao rio de Colares e, gozando o clima, se dedicam com prazer e alegria à pesca com linha e anzol.

O entusiasmo foi aumentando. As proezas piscatórias foram trazendo novos adeptos — e organizou-se o I Concurso de Pesca Desportiva. O exito foi completo. Setenta e três concorrentes de Sintra e de Lisboa.

Como reflexo deste bom resultado, o Sport União Sintraense formou uma secção de pesca desportiva. Os esforços dos primeiros propagandistas, srs. José Nogueira de Andrade, João Conceição Pereira, Augusto Maximiano da Silva, Mario Marcel Nogueira, José Tomé Parralho e Leonardo Ferro, obtinham justo premio.

O II Concurso aumentou de interesse; 270 concorrentes, entre os quais 31 senhoras. Ao mesmo tempo, a secção do União Sintraense desenvolveu-se. Já não era a preocupação da propaganda da modalidade. Organizou e ficheiro de todos os pescadores desportivos do nosso país. O seu trabalho alargou-se, a ponto de tratar do revigorecimento do rio de Colares, no qual foram lançadas mais de duas mil carpas. Depois, com o auxilio da Estação Agrícola do Rio Ave, conseguiu a primeira tentativa para adimatação das trutas no rio de Colares. Estudou a regulamentação para a defesa e protecção da pesca desportiva nas aguas interiores do país e entregou à Direcção Geral de Desporto o parecer e respectivo projecto de lei, a publicar no «Diário do Governo».

Estreitamente aproxima-se a data do III Concurso de Pesca Desportiva de Sintra. A Direcção Geral de Desportos aprovou o respectivo regulamento, oficializou-o como o I Concurso Nacional de Pesca Desportiva.

O interesse pela prova, que se effectua de 1 a 3 de Dezembro, é enorme. Os prêmios são valiosos. Vinte e duas taças, uma salva de prata, apetrechos de pesca, etc.

Sintra, terra de encantos, que procura um lugar nas grandes actividades do desporto nacional, pode organizar com a organização do I Concurso Nacional de Pesca Desportiva.

Serviços de Educação Física desta organização patriótica. Realizou várias reuniões com dirigentes e graduados, tendo dado a nova norma para a inscrição a ministrar aos filiados da M. P. Está em projecto, para fecho das actividades, um grande festival, no qual tomará parte as classes de ginástica de vários centros.

Egrima na «Mocidade Portuguesa»

O centro especializado de esgrima da «Mocidade Portuguesa», Divisão do Douro Litoral, conta este ano invulgar affluência de futuros esgrimistas. Assim ao dadu de grande número de inscrições registadas, prova de que se não perdeu a semelhança realizada nos anos anteriores. Os nossos rapazes sentem-se atraídos pelo belo desporto das armas e é de esperar que, como sucedeu na época finda, a cidade do Porto se faça representar condignamente nos campeonatos nacionais.

A classe de esgrima está confiada ao sr. capitão Mário de Almeida, competente professor, cujas provas de dedicação vão por demais conhecidas.

As primeiras lições começam dentro de breves dias, havendo dasuado interesse por parte de todos os inscritos.

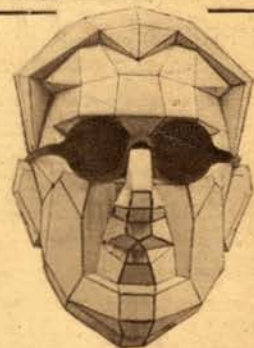
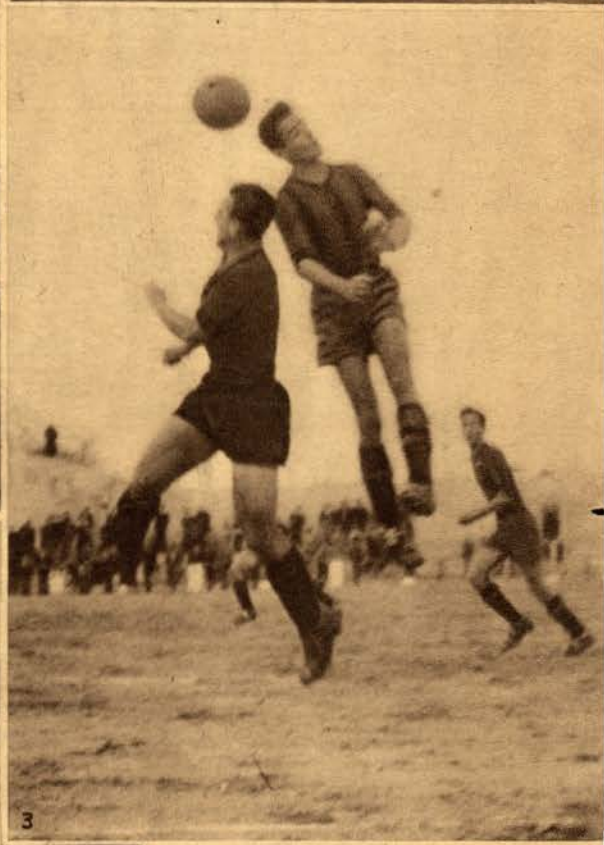
Formar-se-ão assim novos atiradores, que possam continuar a carreira iniciada pelos irmãos Giesteira e tantos outros que têm dado à sala de armas norteña da «Mocidade Portuguesa» o melhor do seu entusiasmo.

Ano II — Lisboa, 29 de Novembro de 1944 — II Série — N.º 104

STADIUM
 REVISTA DESPORTIVA
 Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
 Propriedade da
 SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
 Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º
 TELEFONE 51146 — LISBOA
 Execução gráfica de NEOGRAVURA, LDA. — LISBOA
 VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

OS JOGOS DE OLHÃO E PÔRTO

1, 2 e 3 — Fases do encontro Olhanense-Académica, que mostram a vivacidade com que foi disputado este jogo. 4 — A defesa do Salgueiros vê-se em apuros perante o ataque dos vimaranenses.



POUPE A SUA VISTA!

Use só lentes de 1.ª qualidade

**Binóculos, Barômetros,
Bússolas de marcha, etc.**

Casa especializada — Fundada em 1865

GIL OCUlista

TELEFONE 2 2829 — 138, Rua da Prata, 140